

O Exercício da Religiosidade Através da Televisão:



O caso da
Igreja
Evangélica
Luterana do
Brasil

Dieter Joel Jagnow

O Exercício da
Religiosidade
Através da
Televisão:

O caso da
**IGREJA
EVANGÉLICA
LUTERANA DO
BRASIL**

Dieter Joel Jagnow

ÍNDICE (SÚMÁRIO)

INTRODUÇÃO	9
1. FUNDAMENTOS BÍBLICO/TEOLÓGICOS DA COMUNICAÇÃO	13
1.1. A comunicação na Bíblia	13
1.1.1. A comunicação de Deus na criação	13
1.1.2. A comunicação de Deus e do ser humano após a queda em pecado	15
1.1.3. A comunicação de Deus e do ser humano na Aliança	16
1.1.4. A Comunicação de Deus Através dos seus Mensageiros	17
1.1.5. A Comunicação de Deus em Cristo	18
1.2. A Comunicação dos Cristãos	20
1.2.1. Definição da Missão	20
1.2.2. Razão da Missão	21
1.2.3. Motivação para a Missão	21
1.2.4. Agentes para a Missão	23
1.2.5. Alcance da missão	24
1.2.6. Meios para a Missão	25
2. O USO DA TELEVISÃO PARA COMUNICAR O EVANGELHO NO BRASIL	27
2.1. <i>Décadas de 1950 e 1960</i>	29
2.2. <i>Década de 1970</i>	30
2.3. <i>Décadas de 1980 e 1990</i>	33
2.4. <i>Década de 2000</i>	37
3. O USO DA TELEVISÃO PELA IELB — VISÃO HISTÓRICA GERAL.....	41
3.1. <i>Visão geral do uso dos veículos de comunicação.....</i>	42
3.2. <i>Visão histórica geral do uso da televisão.....</i>	44
3.2.1. Décadas de 1940 a 1960	44
3.2.2. Década de 1970.....	46
3.2.3. Década de 1980.....	53
3.2.4. A década de 1990	68
3.2.5. A década de 2000	73
4. O USO DA TELEVISÃO PELA IELB — VISÃO HISTÓRICA DOS PROGRAMAS	
REGULARES	79
4.1. <i>A Hora</i>	79
4.2. <i>A Voz da Cruz</i>	84
4.3. <i>Expectativa (Vitória)</i>	87
4.4. <i>Expectativa (Cascavel)</i>	92
4.5. <i>Expectativa (Londrina)</i>	93
4.6. <i>Expectativa (Dourados)</i>	93
4.7. <i>Fé e Esperança</i>	94
4.8. <i>Encontro</i>	95
4.9. <i>Toque de Vida</i>	97
CONCLUSÃO.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

O Exercício da
Religiosidade
Através da
Televisão:

O caso da
IGREJA
EVANGÉLICA
LUTERANA DO
BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como requisito necessário à aprovação na disciplina Pesquisa II — Monografia, do curso de Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil, habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Ricardo Azeredo

Canoas, julho de 2007

INTRODUÇÃO

O anúncio do Evangelho sempre foi tarefa prioritária da Igreja Cristã. Ela é depositária da boa notícia do amor de Deus em Cristo Jesus, para a salvação de todo o ser humano que, pela atuação do Espírito Santo, nele crer. Diante desta responsabilidade, sempre inadiável e intransferível, a Igreja deve preocupar-se em como pode cumprir suas finalidades de maneira mais eficiente possível dentro do seu momento histórico.

Na verdade, a evangelização deve se iniciar de uma forma individual, já que ela deve marcar a postura de cada cristão. Entretanto, dado às dimensões geográficas e populacionais, não se pode permanecer eficazmente apenas com este método. Por esta razão, também, os cristãos se reúnem em grupos, como congregações, comunidades, paróquias, etc, e estes, por sua vez, em denominações religiosas. Com os esforços conjugados, os cristãos podem investir em formas de comunicar o evangelho que extrapolam o nível interpessoal, ampliando, sensivelmente, o alcance do anúncio do Evangelho.

Durante a sua história, a Igreja Cristã foi utilizando — bem ou mal — os meios de comunicação de massa que a capacidade criadora do ser humano foi inventando e colocando à disposição. Hoje, a situação não é diferente. Mais do que nunca, estão à disposição dos cristãos meios altamente eficazes para a evangelização. Dentre eles, a televisão, objeto principal deste estudo.

Os cristãos brasileiros tiveram presença tímida na televisão durante cerca de quatro décadas. Desde o começo da década de 1990 há um crescente investimento de denominações religiosas no uso da televisão no Brasil. Hoje existem várias redes de TV evangélicas e católicas.

A Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) durante cerca

de uma década se destacou no uso sistemático da televisão. Ela colocou o seu primeiro programa no ar em meados da década de 1970. Todavia, cerca de dez anos depois, o uso da televisão como veículo para a evangelização praticamente deixou de existir na Igreja. Hoje, a presença da IELB na TV pode ser considerada tímida.

Estas colocações determinam os três objetivos básicos desta monografia. O primeiro é mostrar que a atuação de Deus e da Igreja Cristã — como veículo de uma mensagem — é essencialmente um ato de comunicação. É um enfoque teórico, com uma ênfase bíblica e teológica. Este é o foco do Capítulo 1

O segundo propósito é mostrar, de forma sucinta, como a televisão tem sido utilizada por denominações cristãs brasileiras. Ele será abordado no Capítulo 2. De certa forma, esta pesquisa serve de contraponto para o objetivo seguinte.

O último — e principal — objetivo é verificar a presença da televisão na história da IELB. Como será visto no Capítulo 3, especialmente, a Igreja tem andado na contramão da história, se comparada com outras denominações religiosas. Já o capítulo 4 apresentará os programas regulares que surgiram ao longo da Igreja.

Embora o tema “televisão” diversas vezes seja focado isoladamente, não é possível desvinculá-lo sempre do tema “comunicação” na história da IELB. Mesmo assim, procurou-se evitar a abordagem do segundo quando não houvesse alguma relação com o primeiro.

A pesquisa teve como objetivo principal fundamentar uma necessidade e verificar como ela tem sido satisfeita. Não é um estudo de interpretação. Todavia, em raros casos, quando se julgou adequado fazer ponte ou contraponto, para fins de clareza, observações subjetivas foram feitas — porém derivadas

do contexto histórico.

Para este estudo — especialmente nos Capítulos 3 e 4 — foi utilizada como principal fonte de pesquisa a revista Mensageiro Luterano. Trata-se de do órgão oficial de comunicação da IELB, publicado mensalmente desde 1917. De caráter formativo e informativo, a revista é quem mais tem registrado a história da Igreja.

Também são fontes importante personagens que de forma direta estiveram envolvidos com os programas regulares de TV que existiram na IELB. Estas pessoas foram solicitadas a responder as seguintes perguntas: Como e quando surgiu o programa?; Como era produzido?; Como era mantido?; Como era recebido pelos telespectadores?; Por que e quando deixou de ser veiculado?; Como você avalia a possibilidade de uso da televisão pela IELB hoje? Eles também foram solicitados a fornecer outras informações que julgassem importantes para uma imagem mais abrangente do programa.

Esta monografia é uma introdução sobre a presença da televisão na história da IELB. A pesquisa mostrou que existem elementos que devem ser aprofundados para avaliar melhor a motivação e os resultados do uso da televisão, além dos motivos que levaram ao seu abandono e quais são as perspectivas futuras.

1. FUNDAMENTOS BÍBLICO/TEOLÓGICOS DA COMUNICAÇÃO

A comunicação permeia a Bíblia em vários níveis. Há um ciclo contínuo de comunicação desde o primeiro livro da Bíblia, o Gênesis. Em certo momento da história, este ciclo extrapola os limites das Escrituras e adentra a vida da Igreja Cristã. Os cristãos são os que devem continuar a comunicação bíblica, para que os propósitos comunicacionais divinos possam ser cumpridos.

Este capítulo aborda duas questões relacionadas: a comunicação na Bíblia e a comunicação dos cristãos. Esta fundamentação destina-se a dar suporte para se justificar a comunicação do Evangelho pela televisão.

1.1. A COMUNICAÇÃO NA BÍBLIA

Várias décadas já se passaram desde os primeiros estudos da comunicação. Todavia, são poucos os estudos sistemáticos da comunicação sob a ótica teológica — o que se pode chamar de uma “teologia da comunicação”. Um dos motivos determinantes para esta realidade é a atuação bastante tímida da Igreja Cristã nos meios de comunicação, especialmente os massivos, quando comparada com a atuação da mídia secular. No entanto, considerando a estrutura básica da comunicação, é possível verificar traços que apontam direções para um estudo teológico da “comunicação divina” ou da “comunicação bíblica”.¹

1.1.1. A COMUNICAÇÃO DE DEUS NA CRIAÇÃO

A fé cristã é, essencialmente, uma questão de comunicação. “Não há menor possibilidade de entender, explicar, ou pelo

1. A comunicação bíblica extrapola os limites da revelação divina e permeia todos os atos de fé. No caso desta monografia, o foco será especialmente o uso de um veículo de comunicação como instrumento de comunicação no âmbito do exercício da fé, ou seja, a televisão.

menos discutir essa fé, sem partir de um claro conceito do que é e como se desenvolve a comunicação divina”.²

O ato de comunicação implica, sempre e necessariamente, em um diálogo, no qual um dos interlocutores toma a iniciativa para um determinado propósito. Esta situação verifica-se de maneira bastante clara já no ato divino da criação. Neste caso, foi o Criador quem desencadeou o processo, quem tomou a iniciativa. Para a sua “primeira comunicação”, Deus usou a sua palavra³. Ela foi o meio de criação, ou seja, foi criadora. No momento em que Deus disse a sua Palavra, as coisas tomaram forma, vieram a existir.

Na escala da criação, o momento máximo da palavra criadora aconteceu quando Deus falou “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”⁴. Segundo as Escrituras Sagradas, da Palavra de Deus nasceu a vida — vida repleta de potencialidade para se comunicar, o que é caracterizado pelo propósito de Deus em relação à sua criatura: “E Deus os abençoou, e lhe disse: sede fecundos; multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre todo animal que rasteja pela terra”⁵. Com esta ordem geral, o Criador inicia o processo de comunicação com a sua criatura.

A Palavra de Deus criou o ser humano para determinadas funções específicas. A resposta da criatura simboliza-se no cumprimento destas funções: realizando o que Deus ordena, o ser humano passa a dialogar com o Criador. E aí o círculo se fecha. É, portanto, uma comunicação de duas vias. Por isso, pode-se dizer que, no início, havia o que se pode chamar de comunicação perfeita entre o Criador e a criatura. Não havia barreiras ou ruídos de espécie alguma na comunicação de ambos.

2 BROSE, Reinaldo. Comunicação cristã. São Paulo: Metodista, 1980, p. 18.

3 Cf. Hebreus 11.3.

4 Gênesis 1.26.

5 Gênesis 1.28.

1.1.2. A COMUNICAÇÃO DE DEUS E DO SER HUMANO APÓS A QUEDA EM PECADO

No entanto, esta situação não permaneceu assim; o ser humano interrompeu este processo de comunicação perfeita com a chamada “queda em pecado”. A partir dela, estabeleceu-se uma comunicação imperfeita ou um estado de “incomunicação” entre o Criador e a criatura.

Agora, o ser humano se encontra em um estado de imperfeição. Como tal, ele não mais é capaz de acertar os alvos propostos pelo Criador. Ele erra os alvos, ou seja, ele peca.

Assim, a partir da queda, a história do ser humano passou a ser marcada por situações e estruturas que constantemente o afastavam de um diálogo com Deus, cerceando, assim, a comunicação. É o que se vê, por exemplo, no episódio da torre de Babel, no qual houve falta de comunicação (e comunhão) com Deus e que também resultou na ampliação das já danosas consequências nas relações interpessoais entre os seres humanos.

Um fato que caracteriza bem a ruptura da comunicação entre os seres humanos é mostrado na história bíblica de Caim e Abel. Após ter matado seu irmão Abel, Caim foi interpelado por Deus com a pergunta: “Onde está Abel, teu irmão?”. A sua resposta foi: “Não sei; acaso, sou eu tutor de meu irmão?” Ó Caim, “além de romper a fraternidade, cercear a comunicação, ele ainda renega a resposta para com aquele que o revela a si mesmo...”⁷

Portanto o que caracteriza a comunicação entre o Criador e a criatura, e as criaturas entre si, após a queda em pecado, é a imperfeição, a incomunicação, a ausência de comunicação responsável, construtiva, participativa.

6 Gênesis 4.8.

7 GOMES, Pedro G. “... e Deus rompeu o silêncio!”. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 16.

1.1.3. A COMUNICAÇÃO DE DEUS E DO SER HUMANO NA ALIANÇA

De acordo com as Escrituras, não obstante a ruptura da comunicação original, Deus não parou de procurar o diálogo com o ser humano. E o fez, inicialmente, de modo particularizado, em um homem que escolheu para ser o precursor de um povo do qual nasceria o Comunicador Perfeito, Jesus Cristo.⁸

Novamente a Palavra de Deus iniciou um processo de comunicação, ainda imperfeito por causa da imperfeição do ser humano, mas objetivando, num futuro qualquer, a perfeição, a volta à situação de comunicação perfeita de antes da queda.

O processo iniciou-se com Abraão e visava um povo, Israel. A essência do processo, a força motivadora, localizou-se num meio que Deus escolheu: a Aliança.

Uma aliança é, fundamentalmente, comunicação, pois pressupõe, pelo menos, dois lados. Assim, pela Aliança Deus promete, de um lado, uma grande nação e a sua bênção através do Messias⁹; de outro lado, os termos da Aliança exigem uma resposta, uma postura atuante e criativa por parte do povo.¹⁰ Caso houvesse, em determinado momento, uma ruptura de um dos lados, a Aliança perderia sua essência, estaria desfeita e, em consequência, haveria incomunicação. E foi exatamente isso que repetidas vezes aconteceu, como mostra a narrativa bíblica. E se não fosse a disposição continuamente favorável de Deus, a situação seria sempre irreversível.¹¹

Constituído seu povo, Deus permaneceu em comunicação

8 Ibidem, p. 12.

9 Cf. Gênesis 12.2.

10 Cf. Gênesis 17.9.

11 Um elemento significativo deste processo é que Deus, além de estabelecer a aliança como um meio de se comunicar com o povo, também estabeleceu um meio visível para transmitir as bênçãos determinadas pela aliança: a circuncisão. Quando alguém era circuncidado, entrava no círculo da aliança e estabelecia contato com Deus, saindo assim do estado de incomunicação.

com ele, fiel à Aliança. Esta postura por diversas vezes manifestou-se de maneira concreta na vida do povo. É o caso, por exemplo, da libertação do povo do jugo egípcio. Êxodo 3.7 diz que Deus “viu” a aflição do povo. Mas não parou no “ver”. Motivado pelo seu eterno amor, depositado e selado na Aliança, ele escolheu Moisés para servir de meio para libertar o povo.

Enquanto o povo ainda estava no Egito, Deus instituiu mais um meio visível e concreto para a transmissão de sua bênção: o sangue do cordeiro¹². A Páscoa tinha exatamente a função de colocar o povo em comunicação com Deus através da perpétua lembrança¹³ da ação libertadora de Deus.

A partir daí, as páginas do Antigo Testamento são um retrato vivo da dialética comunicação/incomunicação. O povo era pecador e, por isso, possuía uma essência ambígua (como, aliás, acontece com todos os seres humanos): ao mesmo tempo em que sentia em si a dinâmica do diálogo, da dependência de Deus, da resposta a ele, da aliança com o Criador, sentia também a força que o levava a fechar-se egoisticamente em si e romper o diálogo, a comunhão, a comunicação.¹⁴

1.1.4. A COMUNICAÇÃO DE DEUS ATRAVÉS DOS SEUS MENSAGEIROS

Mas Deus manteve-se persistente em manter a comunicação com o povo de Israel. Procurando torná-la ainda mais convincente, escolheu meios concretos, abrindo assim novos canais de comunicação, como os juízes e, mais tarde, os profetas.

Chamados por Deus para serem seus mensageiros, os juízes e os profetas tinham por função primordial “recolocar o povo no caminho do diálogo com Deus, no caminho da comunicação...”¹⁵

12 Cf. Êxodo 12.1-28.

13 Cf. Êxodo 12.14.

14 GOMES, op.cit, p. 15.

15 Ibidem, p 19.

Eles tinham a missão de denunciar os pecados que rompiam a Aliança e cerceavam a comunicação, e proclamar a mensagem do arrependimento, do amor, da misericórdia e da salvação de Deus.¹⁶

Mas mesmo com a comunicação de Deus pelos juízes e profetas, a dialética da comunicação/incomunicação, fruto do pecado, continuou sendo uma característica marcante na relação de diálogo entre o povo e Deus durante a história do Antigo Testamento.

1.1.5. A COMUNICAÇÃO DE DEUS EM CRISTO

A chave para estabelecer a ponte de relação entre a comunicação do Antigo para a do Novo Testamento é o texto de Hebreus 1.22: “Havendo Deus, outrora falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.” (Grifos meus.)

Com o advento da “plenitude dos tempos” (Gálatas 4.4), no Novo Testamento, a comunicação de Deus com a sua criatura adquiriu feições novas e qualidades bastante distintas e superiores: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós”¹⁷. Em Cristo, a palavra comunicadora de Deus se encarnou. Surgiu uma identificação excepcional entre a fonte (Deus) e o receptor (o ser humano). Como nunca, Deus aproximou-se dos seres humanos para dialogar com eles de forma visível, concreta, marcante — uma maneira humana. Alma D. Montoya diz que este ato é o sentido mais pleno de diálogo. Foi um verdadeiro encontro entre Deus e a humanidade.¹⁸

16 Cf. Salmo 89.3,4.

17 Cf. João 1.

18 MONTROYA, Alma D. Teología de la Comunicación. In: WORLD ASSOCIATION FOR CHRISTIAN COMMUNICATION. Iglesia y comunicación: ¿una relación posible? Cumbayá, Ecuador: 1997, p. 94.

Em Jesus, era o próprio Deus, em forma humana, colocado no nível dos seres humanos e de suas realidades humanas. A razão disso está clara: o processo da comunicação acentua a sua potencialidade quanto mais houver campos de coincidência (campo comum) entre o emissor e o receptor.

Um outro aspecto é a própria comunicação de Cristo com as pessoas. Procurando ampliar o campo comum, fez uso do meio de comunicação por excelência que os seres humanos usam entre si: a linguagem. A partir daí, no entanto, viu-se vítima de uma outra característica que marca toda a comunicação humana: a ambiguidade. Isto é, sua mensagem foi entendida e aceita por uns, e incompreendida e rejeitada por outros. O resultado foi que acabou ele sendo amado por parte dos seus ouvintes e odiado por outros.

No decorrer do seu ministério este conflito foi se acentuando. Se no Antigo Testamento a comunicação com Deus foi continuamente rompida, com Cristo ela foi rompida à força — com morte.

Mas mesmo assim ela continuava viva, pois Cristo é a “Palavra” eterna de Deus. A prova concreta desta eternidade foi a sua ressurreição — que pode ser entendida como a comunicação decisiva da vitória de Cristo sobre a morte e sobre Satanás. A ressurreição, na verdade, fazia parte da aliança estabelecida por Deus; toda a obra redentora de Cristo era a comunicação graciosa de Deus em direção do ser humano pecador.

Em um outro plano, Cristo tornou-se o único meio de comunicação entre Deus e os seres humanos. Montoya diz que, em Jesus, o Deus invisível se tornou visível. Jesus é a manifestação mais plena de Deus; todavia, não é possível um acesso ao Pai senão através do Filho.¹⁹ E como em toda a história pós-queda, o processo somente estaria (e estará) completo quando o ser

¹⁹ Ibidem, p. 96.

humano reconhecer neste “Meio” de Deus o caminho para a sua salvação, o seu contato, o seu diálogo, enfim, a sua comunicação e comunhão com Deus.

1.2. A COMUNICAÇÃO DOS CRISTÃOS

A comunicação dos cristãos é uma consequência automática da comunicação Deus/ser humano: a função dos cristãos em transmitir o amor de Deus aos seus semelhantes.

Os cristãos são o povo de Deus hoje. Por isso, eles devem continuamente viver a comunicação, a comunhão com Deus, mesmo que imperfeita, dada a pecaminosidade da natureza humana. A comunicação com Deus leva à comunicação com os outros seres humanos. O objetivo é claro: compartilhar o amor de Deus em Jesus Cristo, para que outros seres humanos venham a crer nele como seu Salvador e, desta forma, também entrar no processo de comunicação com Deus em seus múltiplos aspectos.

O imperativo evangelizador — ou comunicador — é uma realidade clara nas Sagradas Escrituras. Partindo do Antigo Testamento e culminando no Novo Testamento, ela é o grande desafio proposto ao povo pelo próprio Deus. Comunicar o Evangelho é a suprema missão dos filhos de Deus.

1.2.1. DEFINIÇÃO DA MISSÃO

“Evangelizar” (“euangelizomai”) é, basicamente, o ato de anunciar o “euangélion” — a “boa notícia” — que é a vinda do Salvador, Jesus Cristo, prometido por Deus logo após a queda em pecado. Assim, “evangelizar” traduz-se como sendo a postura de apresentar Jesus Cristo para os seres humanos, a fim de que eles venham a conhecê-lo, confiar nele e aceitá-lo como seu Salvador. Colocado de outro modo, a evangelização é a ação de comunicar a graça de Deus em favor do ser humano nascido em

pecado; levar o amor de Deus em Jesus Cristo para as pessoas.

1.2.2. RAZÃO DA MISSÃO

Como já foi afirmado, a mensagem da Bíblia é a vontade graciosa de Deus em salvar o ser humano nascido em pecado. Ou, como diz Ezequiel 33.11: “Tão certo como eu vivo, diz o Senhor, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva”. E 1 Timóteo 2.4: “Deus nosso Salvador... deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”.

É por esta razão geral que Cristo determinou a que se costuma chamar de “grande comissão”, ou seja, comunicar o Evangelho ao mundo todo, expressa em Mateus 28.18-20; Marcos 16.15, 16; Lucas 24.45-49; João 20.21-23. Este é o grande “trabalho” do Cristianismo e, por extensão, de cada cristão.

O pleno conhecimento da verdade citado em 1 Timóteo — a salvação em Cristo — acontece pelo ouvir da Palavra de Deus, ou seja, ouvir da boa notícia do amor redentor de Deus em Cristo²⁰. Para que este ouvir se efetue, é necessário que, de alguma forma, a Palavra esteja ao alcance das pessoas, como diz Paulo: “A fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo”²¹. E é por esta mesma razão que o próprio Paulo questiona: “Como crerão naquele de quem nada ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? e como pregarão se não forem enviados? como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!”²²

1.2.3. MOTIVAÇÃO PARA A MISSÃO

Qual é a motivação para evangelizar e, assim, executar esta soberana vontade de Deus? É comum ver-se apontados motivos

20 Cf. João 5.25.

21 Romanos 10.17.

22 Romanos 10.14, 15.

psicológicos ou emocionais (como a gratidão a Deus, a compaixão para com as pessoas, etc.). Também são comuns as razões legalistas (como cumprimento o dever, confirmação da fé, etc.).

A Bíblia conhece apenas uma motivação básica para a evangelização: a graça de Deus. Esta graça, além de ser o agente de regeneração, é o agente de atuação. Assim, o testemunho cristão sempre é um resultado do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo. Quando o cristão comunica o Evangelho, ele simplesmente coloca em prática aquilo que o Espírito Santo o faz crer a respeito do Salvador. João diz que “aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus.”²³

Embora a motivação seja por graça, é uma necessidade. Mas não por lei, e sim por livre iniciativa, com base na própria graça experimentada pela ação do Espírito Santo. Com isto, na medida em que o crescimento na graça²⁴ de Deus se manifesta concretamente na vida de uma pessoa, também se manifesta a motivação, através de uma postura concreta e efetiva de comunicação do Evangelho. Por esta razão é que se pode medir a evangelização pela fé e comunhão com Deus, e vice-versa.

Parafraseando as palavras de João (“nós amamos porque ele nos amou primeiro”²⁵), pode-se dizer que o cristão agora comunica o Evangelho de Deus aos seus semelhantes porque primeiro recebeu a comunicação do amor de Deus em Jesus Cristo. Ele não é autor da motivação.

23 1 João 4.15.

24 Cf. 2 Pedro 3.18.

25 Cf. 1 João 4.19.

1.2.4. AGENTES PARA A MISSÃO

Poucas vezes, na Bíblia, Deus anunciou diretamente a boa notícia do seu amor aos seres humanos, a não ser pela atuação do Cristo-homem. Mas, por outro lado, já desde os tempos do Antigo Testamento, ele procurou pessoas para executarem esta tarefa. Era uma forma indireta, através de instrumentos, de meios. Destacam-se os juízes e os profetas, especialmente. Com o advento do Novo Testamento, o método foi reafirmado e teve sua fundamentação intimamente ligada à obra redentora de Cristo.

Uma das preocupações subjacentes do ministério terreno de Cristo — o mensageiro perfeito enviado por Deus — foi arregimentar e treinar pessoas para ampliar as dimensões do Reino de Deus. Ele escolheu doze discípulos. E pouco antes da sua ascensão, ele deixou bem definida a forma e o conteúdo da missão para a qual dos discípulos tinham sido chamados e treinado, e que agora teriam de desenvolver: “Ide, portanto, faze discípulos... ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado”²⁶; “Ide... pregai o evangelho...”²⁷; “... assim como o Pai me enviou, eu também vos envio...”²⁸; “... sereis minhas testemunhas...”²⁹.

Cerca de dez dias após a Ascensão de Cristo, aconteceu o Pentecostes, quando os discípulos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar da boa notícia (Atos 2.2-4). Muitos teólogos consideram este episódio como sendo o nascimento efetivo da Igreja Cristã, pois só naquele dia cerca de três mil pessoas foram trazidas à fé em Cristo pela ação do Espírito Santo. E desde aí, a proclamação foi crescendo e ampliando seus limites geográficos. Em pouco tempo a primitiva Igreja Cristã já estava cumprindo a sua missão através de missionários como Paulo e

26 Mateus 28.19, 20.

27 Marcos 16.15.

28 João 20.21, 22

29 Atos 1.8.

Barnabé, que percorriam diversas regiões do Império Romano.

O apóstolo Pedro deixou bem claro esta função primária dos cristãos de serem agentes da missão. Ele escreveu: “Vós sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.”³⁰ (Grifo meu.)

Esta qualidade da Igreja Cristã de ser povo proclamador, mensageiro, comunicador identifica-se perfeitamente com o ministério profético de todas as épocas, e que tem como modelo de profeta/comunicador perfeito o próprio Senhor da Igreja.³¹

1.2.5. ALCANCE DA MISSÃO

O alcance da graça de Deus está claramente definido na Bíblia. Deus chamou Abraão e com ele iniciou a história do povo de Israel. A partir deste momento, ele estabeleceu seu propósito de restaurar a comunhão consigo de forma concreta.

A eleição de Israel, como principalmente os profetas atestam, separou este povo das demais nações para que pudesse servir a Deus e, também, servir de canal de Deus, a fim de que ele pudesse revelar a sua mensagem para todas as pessoas. Era, pois, uma eleição que não visava a salvação exclusiva de Israel, mas com o propósito de estabelecer universalmente o reino da graça de Deus. Desta forma, Israel situa-se (apesar de nem sempre ter agido como tal) como uma nação-missionária em favor dos gentios.³²

No Novo Testamento, Jesus Cristo, ao determinar a “grande comissão”, deixou bem claro qual era e é a sua vontade: Fazer seguidores seus em todas as nações, em todo o mundo; os cris-

30 1 Pedro 2.9.

31 COOK, Guillermo. Profundidad em la evangelizacion. San José: INDEF, 1975, p. 4, 5.

32 Cf. Isaías 42.1, 6; 49.6; 60.3; 66.18; etc.

tãos deveriam ser testemunhas do Mestre em todos os recantos da terra.

Estas determinações de Jesus apontam para duas dimensões significativas e que, até certo ponto, são interdependentes: a dimensão geográfica e a dimensão étnica.

A dimensão geográfica tem seu limite fixado pelo “confins da terra”. E outras palavras: a missão da Igreja Cristã de comunicar o Evangelho vai até onde houver “terra” em que resida um ser humano.

Tanto o evangelista Mateus como Lucas utilizam a expressão “todas as nações”. Isso significa que a evangelização não pode assumir posturas de discriminação em relação a povos, culturas, políticas. Diante de Deus, todos os seres humanos são pecadores, independentemente de qualquer diferença estabelecida por padrões humanos.

Esta dimensão étnica também envolve dimensões geográficas, pois determinadas regiões geográficas abrigam determinadas comunidades étnicas. No entanto, não é sempre, e necessariamente, que exista a dimensão geográfica. Atualmente, para alcançar “todas as nações” nem sempre é necessário grandes deslocamentos, como será visto mais adiante.

1.2.6. MEIOS PARA A MISSÃO

Diante da realidade de a igreja cristã evangelizar até “aos confins da terra” e “todas as nações”, deve-se colocar uma outra questão importante: como ela irá cumprir esta missão de modo mais eficaz possível? Que meios ela pode utilizar?

Esta questão é complexa, já que existe uma infinidade de veículos que podem servir de suporte. Não é nosso objetivo analisá-la detalhadamente. Queremos, entretanto, apontar para duas considerações gerais básicas, tendo como fundamento a

sábua e sempre oportuna afirmação do apóstolo Paulo: “Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos a fim de, por todos os modos, salvar alguns”³³. Isto significa que o todo do cristão deve ser um canal por onde transitam para “todos” a boa notícia do amor de Deus.

Em segundo lugar, o cristão deve usar todos os modos possíveis para ampliar as dimensões de sua comunicação evangélica, como veículos que sirvam como extensões do seu todo cristão, em favor de todos os seres humanos. Assim, para cumprir a sua missão, os cristãos devem valer-se de todos os meios possíveis e lícitos — inclusive os meios de comunicação de massa, como a televisão.³⁴

A partir do próximo capítulo será visto como a TV tem sido utilizada pelos cristãos brasileiros — particularmente os da Igreja Evangélica Luterana do Brasil — para comunicar o Evangelho de Jesus Cristo.

33 1 Coríntios 9.22.

34 Montoya diz que é impossível para a Igreja “dialogar” com a humanidade sem o uso destes veículos. Por esta razão, ele precisa refletir sobre o seu uso, o seu valor e o significado teológico da comunicação. *Ibidem*, p. 96, 97.

2. O USO DA TELEVISÃO PARA COMUNICAR O EVANGELHO NO BRASIL

A televisão é um dos meios disponíveis para a Igreja Cristã comunicar o Evangelho. Como meio de comunicação de ampla abrangência, é um veículo adequado para a distribuição massiva da Palavra de Deus.

Este capítulo foca o seu uso por denominações religiosas brasileiras. Dado o grande número de denominações e a complexidade do tema, serão vistos somente fatos relevantes que ajudam a dar uma ideia do traçado histórico deste uso ao longo de quase seis décadas.³⁵

A data considerada oficial para a implantação da televisão no Brasil é de 18 de setembro de 1950. Nesta ocasião foi inaugurada a primeira emissora, a PRF 3 Tupi, sob a liderança de Assis Chateaubriand, fundador e principal dono dos Diários Associados.

Hoje, a televisão é o veículo de comunicação de maior alcance no país e o meio de informação e entretenimento mais utilizado pelos brasileiros. Dados do Instituto Marplan Brasil, de 2000, indicam que 98% da população acima de 10 anos assiste à TV pelo menos uma vez por semana. Até maio de 2000, o país possuía 269 emissoras geradoras e 2.591 retransmissoras em atividade.

A televisão chega a todas as camadas sociais: 8% dos telespectadores pertencem à classe A; 29%, à classe B; 37%, à classe C; 23%, à classe D, e 3% à classe E. A maior parte dos telespectadores está na faixa de 20 a 29 anos (22%); seguida pela de 30 a 39 anos (21%).³⁶

35 O uso da televisão pela Igreja Evangélica Luterana será foco nos Capítulos 3 e 4.

36 Estes e outros dados podem ser encontrados em BRASIL — Economia e comunicações.

Estima-se que o número de aparelhos de televisão em uso no Brasil em 1951 era de 3.500. Este número saltou para cerca de 600.000 em 1960, e para cerca de 5.000,000 em 1970. Em 1979, o número beirava os 17.000,000. Já em 2005, cerca de 90% dos domicílios brasileiros possuíam ao menos um aparelho de TV.³⁷ Todavia, como parte dos domicílios possuem mais de um aparelho, a proporção, em 2006, era considerada de cerca de 54 milhões de aparelhos para 43 milhões de domicílios.³⁸

Diante desta realidade, não deveria haver dúvida de que a televisão pode ser um instrumento valioso para a divulgação do Evangelho. Mas não é o que a realidade tem mostrado: boa parte das denominações religiosas esteve ou ainda está ausente da televisão, ou tem uma presença tímida. Uma presença mais visível começou a ser verificada somente a partir da década de 1990.

Nas décadas de 1960 e 1970, determinadas religiões evangélicas proibiam seus membros e pastores a possuírem aparelhos de televisão. Uma nota publicada na revista Mensageiro Luterano em 1969 informa que a XIX Convenção Nacional das Assembleias de Deus realizada em 1968, em Fortaleza, CE, resolveu que os seus pastores não podiam mais possuir aparelhos de televisão e que os membros das igrejas seriam instados a também se desfazerem dos seus aparelhos. A justificativa dada para a decisão foi esta: os “efeitos maléficos que os programas de televisão têm causado à comunidade evangélica, principalmente à família.”³⁹

Também Carlos Fernandes escreve que houve época em que os crentes consideravam a televisão como uma espécie de “diabo de um olho só”. “Dos púlpitos, pastores admoestavam os

Disponível em: <http://www.portalbrasil.eti.br/brasil_economia.htm>. Acessado em: 27 dez. 2006.

37 ESTATÍSTICAS de Rádio e TV. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/nrtv.asp>>. Acessado em: 27 dez. 2006.

38 AMORIM, Celso Luiz Nunes. Um sistema brasileiro para a TV digital. Disponível em: <<http://www.sbmicro.org.br/index.php?option=content&task=view&id=80>>. Acessado em: 27 dez. 2006.

39 PENTECOSTAIS e TV. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 12, ano 52, nov. 1969, p. 14.

fiéis sobre os perigos daquela caixa luminosa, que poderia levar suas almas para o inferno. Dar uma espiadinha naquela coisa profana era exclusão na certa.”⁴⁰

No início da década de 1980, Brose comentou que, apesar de todo o potencial missionário da TV, as Igrejas estavam “num relacionamento inseguro e mal definido. Em alguns casos extremos há Igrejas que simplesmente ‘resolveram’ o assunto negando que a TV existe.”⁴¹

Todavia, ao longo das décadas várias denominações religiosas investiram de alguma forma na televisão. Hoje, são comuns redes religiosas nacionais, tanto católicas como evangélicas, como será visto mais adiante.

2.1. DÉCADAS DE 1950 E 1960

Nas décadas de 1950 a 1960 havia pouca transmissão de mensagens religiosas. As principais iniciativas foram da Igreja Católica. A Arquidiocese do Rio foi uma das dioceses pioneiras nas transmissões de missa pela televisão. As primeiras aconteceram de 1964 a 1965 através da TV Continental e, depois, de 1965 até a metade de 1968, na Televisão Excelsior. Após o fechamento da TV Excelsior, as celebrações começaram a ser transmitidas pela TV Globo. Com o advento da televisão em cores, a Santa Missa em seu lar foi o primeiro programa religioso no Brasil a ser transmitido no novo sistema.⁴²

No final da década de 1950, o missionário canadense Robert McAlister começou um programa de rádio (A voz da Nova Vida) que posteriormente deu origem à Igreja de Nova Vida, em 1960. Em meados da década de 1960, o missionário iniciou seu

40 FERNANDES, Carlos. Fé em rede nacional. Igreja, São Paulo, n. 3, maio/jun. 2006, p. 37.

41 BROSE, op. cit., p. 88.

42 Ainda veiculado hoje, é o programa é o mais antigo da TV Globo. Detalhes em SANTA Missa. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/TVG/0,,TG2541-3914,00.html>>. Acessado em: 30 jan. 2007.

programa na TV Tupi do Rio de Janeiro, tornando-se o primeiro evangélico a ingressar na televisão.⁴³

Em 1955, a Igreja Batista criou a Comissão de Rádio e Televisão, sendo sucedida, em 1964, pela Junta de Rádio e Televisão (Juratel). A Juratel ainda é responsável pela produção de programas e produtos de áudio e imagens da Convenção Batista Brasileira. Ao longo de sua história, produziu fitas K7 com mensagens, estudos e histórias; fitas de vídeo com músicas, estudos, reportagens e programas de televisão — como *Batistas Hoje*, veiculado hoje em TV a Cabo e Televisão Aberta.

2.2. DÉCADA DE 1970

Na década de 1970, os telespectadores brasileiros conheceram os chamados “tele-evangelistas”. A maioria vinha dos Estados Unidos. Mas também surgiram alguns brasileiros.

Centrados na espetacularidade e na venda de produtos, especialmente livros, os tele-evangelistas norte-americanos não só faziam pregações, mas também arrecadavam muito dinheiro. Uma das tônicas dos programas era o apelo para o envio de ofertas. Eles eram evangelistas autônomos, ou seja, não tinham ligação explícita com uma denominação.

Programas como *Alguém Ama Você*, de Rex Humbard, *Clube 700* de Pat Robertson e os cultos do pastor Jimmy Swaggart eram transmitidos para todo território nacional. Além das pregações, os tele-evangelistas eram conhecidos pela realização de concentrações religiosas em estádios de futebol. O ciclo destes pregadores iniciou no Brasil a era da chamada “igreja eletrônica”, cujas raízes estão na década de 50, nos Estados Unidos.⁴⁴

43 SANTANA, Luther King de Andrade. *Religião e Mercado: A Mídia Empresarial-Religiosa*. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, n. 1, 2005, p. 54-67.

44 Outras expressões utilizadas para interpretar o fenômeno são: *Religião Comercial*, *Marketing da Fé*, *Messianismo Eletrônico* e *Assembléia Eletrônica*. Para detalhes deste fenômeno, consultar ASSMANN, Hugo. *A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópo-

Estes programas duraram até meados da década de 1980 na TV Tupi, no SBT, na Rede Record e na Rede Bandeirantes. Segundo Lacerda, um dos motivos porque este modelo falhou no Brasil foi porque estes “tele-evangelistas tinham de dividir a limitada disponibilidade financeira do povo brasileiro fiel com suas respectivas denominações, não conseguindo, portanto, auferir quantidade o bastante de dinheiro para a reprodução de sua atividade na TV.”⁴⁵

Ao menos três pastores brasileiros tiveram um relativo sucesso na televisão neste período dos tele-evangelistas: Nilson Amaral Fanini, R. R. Soares e Caio Fábio D’Araújo Filho.

Fanini, batista, teve suas primeiras incursões na televisão em 1967, na TV Continental, do Rio de Janeiro. Em 1975, estreou o programa *Reencontro* na TV Rio. O programa era retransmitido em todo o país e chegou a ser veiculado na África do Sul, Paraguai e Estados Unidos (Miami). A exemplo dos tele-evangelistas norte-americanos, Fanini reforçava sua imagem com as concentrações ditas evangélicas em estádios de futebol.

Tendo sido aluno da Escola Superior de Guerra, Fanini tinha amizade com os altos escalões do governo militar. Segundo Magali do Nascimento Cunha, esta amizade lhe rendeu, em 1983, a concessão por 15 anos, do Canal 13 do Rio de Janeiro (o da extinta TV Rio), feita pelo presidente João Batista Figueiredo. O seu projeto de criar o primeiro canal de TV evangélico do Brasil, a TV Ebenézer, foi frustrado e nem chegou a ir ao ar.⁴⁶

Romildo Ribeiro Soares, conhecido como R. R. Soares, co-

lis: Vozes, 1986.

45 LACERDA, Lucelmo. *Fogo na Televisão: Ofensiva eletrônica da Renovação Carismática Católica*. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/058/58esp_lacerda.htm>. Acesso em: 2 jan. 2007.

46 Para detalhes sobre o assunto, ver CUNHA, Magali do Nascimento. *O conceito de Religiosidade Midiática como atualização do conceito de Igreja Eletrônica*. Disponível em: <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18618/1/2002_NP1cunha.pdf>. Acesso em: 3 de jan. 2007.

-fundador da Igreja Universal do Reino de Deus e fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus, começou na televisão na década de 1970. Inicialmente, tinha programas diários na extinta TV Tupi.

R.R. Soares é o único dos “tele-pastores” que continua ativo hoje. Além de comprar espaços em emissoras tradicionais, possui uma rede de televisão — a RIT (Rede Internacional de Televisão). As imagens são geradas a partir de uma emissora comercial, a TV Dourados (MS), de propriedade de Soares.

Além de ter programas em sua própria rede, o pastor inovou com a compra de espaço em horário nobre na televisão, na Band TV. O custo mensal do espaço é estimado em 2 milhões de reais.⁴⁷

Foi noticiado em 2006 que Soares estaria montando uma operadora de TV a cabo, inicialmente com 36 canais. A operadora mesclaria canais seculares e evangélicos. Caso o projeto se concretize, virá a ser a primeira “operadora dos evangélicos”.⁴⁸

Outro nome de destaque neste período é o do pastor Caio Fábio D’Araújo Filho. Em 1974, começou a pregar na TV Amazonas, aos domingos. Mais tarde, já no Rio de Janeiro, fez sucesso com um programa inovador na antiga Rede Manchete: Pare & Pense. O programa mesclava mensagens, orações, entrevistas, música e serviço.

Caio criou o ministério Vinde, que em pouco tempo englobava programa de TV, emissoras de rádio e veículos impressos. Em 1996, criou a Vinde TV, a primeira emissora a cabo evangélica

47 R.R. Soares se recusa a fornecer o valor exato. O cálculo é baseado no que a Band faturava anteriormente, o que lucraria com anunciantes e o que repassa às emissoras afiliadas, já que durante o programa de Soares não há comerciais. COHEN, Vivianne e CARDOSO, Rodrigo. Pastor eletrônico. Disponível em: http://www.terra.com.br/istoegente/193/reportagens/-rr-soares_pastor_eletronico_01.htm. Acessado em: 25 jun 2007. Também circula na imprensa o comentário de que o contrato seria de 100 milhões de reais, válido por 4 anos.

48 FERNANDES, op. cit., p. 39, 40.

do Brasil, hoje extinta.⁴⁹ Após uma série de problemas pessoais, o ministério Vinde foi desfeito.

2.3. DÉCADAS DE 1980 E 1990

A década de 1980 pode ser vista como uma fase de transição no uso da televisão para o anúncio do Evangelho no Brasil. A partir da década de 1990 há um incremento significativo no uso do veículo por denominações religiosas. Cada vez mais foram surgindo redes de TV, tanto católicas como evangélicas.

Em 1982 foi ao ar pela primeira vez o programa Vitória em Cristo (nascido Impacto), sob a coordenação e apresentação do pastor assembleiano Silas Malafaia. É, portanto, um dos mais antigos do Brasil que ainda está no ar. Hoje, tem uma hora de duração e é transmitido diariamente na RedeTV! E CNT.⁵⁰

No final da década de 1980 iniciou uma nova era no uso da televisão brasileira, caracterizada pelo surgimento das redes religiosas de televisão. Em 1989, foi inaugurada a Rede Canção Nova, da Igreja Católica. Anos depois, a Igreja também montou a Rede Vida (1995) e a TV Século 21 (1999).

No caso específico da Igreja Católica, na década de 80 ainda havia um claro investimento de “missas pela TV”. Segundo Assmann, em 1981 eram realizadas semanalmente 32 missas de TV, em cerca de 100 emissoras no Brasil. Cinco anos depois, elas eram cerca de 40.⁵¹

As investidas na mídia pela Igreja Católica passaram a ser estratégicas a partir do início do movimento Renovação Carismática Católica (RCC). O movimento pode ser visto como uma reação ao crescimento dos evangélicos no Brasil, inclusive na te-

49 Ibidem, p. 39.

50 ASSOCIAÇÃO Vitória em Cristo. Disponível em: <<http://www.vitoriaemcristo.org>>. Acessado em: 5 jan. 2007.

51 ASSMANN, op. cit. p. 123.

levisão. Em documento de 1993, a RCC explicitou seus objetivos e estratégias para o país. Dentre suas estratégias de crescimento estava o uso da TV em rede nacional. Neste contexto também surgiu o padre Marcelo, com fortes ligações com o RCC e com presença tanto na mídia católica como secular.⁵²

Apesar do seu investimento, a Igreja Católica ainda é criticada pelo seu amadorismo na televisão. Segundo Penha Rocha, a impressão que se tem é que a Igreja Católica, apesar de trabalhar com suas emissoras de TV como verdadeiros instrumentos da Igreja Eletrônica — venda de produtos como cds e livros, testemunhos pessoais, salvação, etc, ainda leva a igreja para dentro da TV. Além disso, os profissionais que geralmente trabalham em diferentes estágios de produção na verdade são amadores. Comparando programas da Igreja Universal (Rede Família) com os da Igreja Católica (Canal Século 21), ela conclui: “Enfim, talvez seja por isso que os evangélicos da Universal do reino de Deus, através da Rede Família, façam uma TV para telespectadores e não para fiéis, ao contrário dos católicos que ainda teimam em levar a Igreja para dentro da TV.”⁵³

Outro estudo sobre a programação das emissoras católicas afirma que “a linguagem está carregada de pieguice; a programação limita-se a um público católico, quando não a idosos e doentes; há carência de profissionais com bom nível técnico.”⁵⁴

52 Para detalhes sobre o investimento da Igreja Católica na mídia, especialmente na TV, e o papel do padre Marcelo neste processo, ver FERNANDES, Silvia Regina Alves. “Ver para crer” as novas investidas do catolicismo no Brasil através do Padre Marcelo Rossi. Disponível em: <<http://www.cesnur.org/conferences/riga2000/fernandes.htm#Anchor-35882>>. Acessado em: 29 de jan. 2007. Para um estudo abrangente da história da comunicação da Igreja Católica, ver DELLACAVA, R. e MONTEIRO, P. E o verbo se faz imagem, Igreja Católica e os meios de comunicação no Brasil - 1962 a 1989. Petrópolis: Vozes, 1991.

53 ROCHA, P. mídia e religião: canal século 21 e rede família . In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. Anais. São Paulo: Intercom, 2002. CD-ROM.

54 LIMEIRA, Michele Boff da Silva. Telejornalismo na Rede Vida: da comunicação institucional à abertura ao pluralismo e ao diálogo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

A investida evangélica iniciou em 1991, quando a Igreja Universal do Reino de Deus começou a investir pesado na mídia, com a compra da Rede Record. Segundo Bucci, a aquisição da Record pela Igreja Universal “entrou com um dado novo no equilíbrio de forças entre as redes a partir da década de 90: Ela deu voz e visibilidade a um setor até então discriminado pela programação tipicamente elitista que temos no Brasil: o dos ‘crentes’ (isto é, evangélicos).”⁵⁵ Embora a Record tenha uma grade claramente comercial, a aquisição é considerada hoje o exemplo mais claro de inserção religiosa na televisão aberta. A Igreja Universal também é dona da Rede Família e da Rede Mulher.

Segundo reportagem do jornal A Folha de S. Paulo, a Igreja Universal é responsável por cerca de 25 por cento da receita bruta da Record (cerca de R\$ 240 milhões em 2006). Esse valor coloca a Igreja (que também compra horários em outras TVs) entre as instituições que mais investem em propaganda no país. Se ela fosse considerada um anunciante comum, diz o jornal, a Universal seria o terceiro maior do país no ranking dos 30 maiores de 2005, ficando atrás apenas das Casas Bahia (R\$ 1 bilhão) e Unilever (R\$ 268 milhões).⁵⁶

Considera-se que, a partir da aquisição da TV Record pela Igreja Universal é que se pode falar de uma “igreja eletrônica” em atuação no país. Embora sua atuação seja recente, esta configuração religiosa pode ser caracterizada como a mais expressiva modificação de atores de todo o cenário televisivo nacional.⁵⁷ Para a jornalista e professora Machado, Igreja Universal, criou-se

55 BUCCI, Eugênio. TV e Religião - A guerra santa que, de santa, não tem nada. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/cdbrazil/itamaraty/web/port/comunica/tv/tvrelig/index.htm>>. Acessado em: 3 jan. 2007.

56 CASTRO, Daniel. Dízimo da Universal leva Record à vice-liderança. Disponível em: <<http://-www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u61067.shtml>>. Acessado em: 14 jan. 2007.

57 CAPARELI, Sérgio e SANTOS, Suzi. Crescei e multiplicai-vos: a explosão religiosa na televisão brasileira. Disponível em: <<http://www.intexto.ufrgs.br/n11/a-n11a1.html>>. Acessado em: 19 jan. 2007.

uma espécie de “franquia discursiva” na TV, passando a ser referencial da maioria dos programas hoje existentes — na retórica, na entonação e no alto teor de emotividade.⁵⁸

A Assembleia de Deus em Manaus, AM, criou, em 1993, a Rede Boas Novas. Em janeiro daquele ano a Igreja resolveu comprar uma rádio FM. A única rádio a venda na época era uma AM. A emissora pertencia a uma rede de comunicação que incluía ainda duas estações de TV, uma rádio FM em Porto Velho, RO, e mais 35 repetidoras no interior do estado do Amazonas. O valor da rede era de mais de três milhões de dólares, a serem pagos em 24 meses. A Igreja lançou o desafio para seus membros. Muitos doaram carros, casas, apartamentos e objetos de valor. Outros renunciaram a férias, cursos, etc, deixando seus planos para depois. Adultos, jovens e adolescentes invadiram as ruas da cidade vendendo picolés, churrascos, bombons, etc. A compra foi realizada. Hoje, a Rede Boas Novas Brasil possui uma programação voltada para a família.⁵⁹

Em 1995 surgiu a rede Gospel, ligada à Igreja Renascer. Foi a primeira rede de rádio e televisão a ter uma programação totalmente dirigida para a família cristã.⁶⁰

A Rede Novo Tempo, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, iniciou suas transmissões em nove de novembro de 1996, a partir de Jacareí, SP. Através de satélite, o sinal está presente na três Américas e na Europa. A programação é variada e voltada para todas as faixas etárias. Com uma plataforma tecnológica avançada, gera o seu sinal 100% digital. No planejamento estratégico da Rede, em 2007 deve ser vista em pelo menos 200 canais de operadoras de TVs a cabo, e em 150 cidades com canais UHF e

58 MACHADO, Márcia Benetti. A derrota do Diabo. Entrevista dada a Victor Gentili. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da201120002.htm>>. Acessado em: 29 jan. 2007.

59 REDE Boas Novas. Disponível em: <<http://www.rbn.org.br>>. Acessado em: 5 jan. 2007.

60 REDE Gospel. Disponível em: <<http://www.redegospel.tv.br>>. Acessado em: 5 jan. 2007.

A Rede Internacional de Televisão (RIT) foi fundada em 1999. Ligada à Igreja Internacional da Graça de Deus, é a rede de televisão evangélica que mais cresceu no Brasil nos últimos anos: em 2006 tinha 5 emissoras e mais de 80 retransmissoras (VHF, UHF e TV a cabo). Com alcance internacional, possui um departamento de dublagem para colocar vários programas da grade em espanhol e inglês.⁶²

Falando sobre as características da televisão a partir dos anos 90, em contraste ao período entre 1960 e 1980, Magali diz que no segundo período eram privilegiados os cultos e as pregações, com ênfase nas experiências de cura e de exorcismo e na proposta de salvação em Jesus Cristo. Já no período mais recente, a programação é variada e adaptada à dinâmica dos programas seculares. Aumentam os espaços de entretenimento, com clips, shows musicais, filmes bíblicos, programas de entrevistas e debates. O conteúdo deixa de estar centrado no eixo salvação-milagres-coleta de fundos e passa a focar a prosperidade econômico-financeira como bênção de Deus, além da “guerra espiritual”. Outra característica atual é a oferta de respostas religiosas para questões como depressão, estresse, drogas, crises familiares. Por fim, se nos anos de 1960 a 1980 os programas religiosos eram centrados em um personagem carismático, hoje não há personagem carismático destacado, mas apresentadores mais ou menos “famosos” que possuem seus próprios programas, “de acordo com a faixa de público-alvo e com a temática trabalhada, dividindo a exposição de sua imagem com os cantores, chamados “artistas”, a exemplo da mídia secular.”⁶³

61 TV Novo Tempo. Disponível em: <<http://tv.novotempo.org.br>>. Acessado em: 7 jan. 2007.

62 Conforme informações no site oficial da rede: REDE Internacional de Televisão. Disponível em: <www.rittv.com.br>. Na data do acesso, 29 de dezembro de 2006, estavam sendo dublados os programas Show da Fé, Movimento Jovem, Zig-Zag Show e Consulta ao Doutor.

63 CUNHA, op. cit. Acessado em: 27 fev. 2007.

2.4. DÉCADA DE 2000

Novas redes religiosas de televisão também surgiram na década de 2000. Adquirida em 2002 pela Igreja Batista de Lagoinha, MG, a Rede Super está presente na metade dos estados brasileiros. Seu sinal pode ser captado por satélite, UHF (cerca de 35 praças) e várias operadoras de TV por assinatura. A programação é variada, mas sempre voltada para a família cristã, com destaque para os musicais do Ministério de Louvor Diante do Trono, ligado à Igreja.⁶⁴

Em setembro de 2005 surgiu a mais nova rede evangélica do Brasil: A CVC. Trata-se de uma parceria entre a Rede Boas Novas (RBN), da Assembleia de Deus em Belém, PA, e o grupo Christian Vision, da Inglaterra. A RBN havia recebido licenças e autorizações para operar na maioria das capitais brasileiras. Com os limites de prazos determinados e sem condições para construir as instalações, a saída foi a parceria. A Christian Vision investiu na compra de transmissores para que o sinal da RBN pudesse chegar para todo o Brasil. No dia 21 de janeiro de 2006 foram oficialmente inauguradas as novas instalações da CVC, no Rio de Janeiro. Trata-se do maior centro técnico de comunicação cristã do estado do Rio de Janeiro, com 5.800 m² de área construída. O prédio, com três andares, comporta três estúdios de TV e equipamentos de última geração.⁶⁵

Essas redes estão presentes em boa parte do Brasil, seja através de emissoras VHF, UHF, satélite, TV a cabo ou internet. Além disso, existem hoje várias denominações operando redes menores ou apenas uma emissora — como a Rede Gêneses, Rede Gospel, Rede Super, TV Novo Tempo e Fonte TV.

64 FERNANDES, op. cit., p. 41.

65 Para detalhes, ver RODRIGUES, Mônica. Inaugurada nova tevê evangélica. Disponível em: <<http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=55&materia=310>>. Acessado em: 15 fev. 2007.

Segundo o pesquisador Sérgio Capparelli, em 2004 as denominações religiosas eram proprietárias de 12,6% das concessões de geradoras de TV aberta e de 14,3% das permissões de Retransmissoras no país.⁶⁶

Em 1999, a TV aberta brasileira tinha cerca de 9 horas de sua programação utilizada por igrejas evangélicas. Em 2003, já eram mais de 20 horas diárias. Também em 2003, os programas religiosos começaram a disputar audiência com os jornalísticos e as novelas das grandes redes. Duas emissoras, Band e Gazeta, tiveram parte de seu horário nobre locado por programas evangélicos. Uma das Igrejas que resolveu investir nesta faixa horária foi a Igreja Internacional da Graça de Deus. O pastor R.R. Soares ocupa o horário das 21h às 22h, de segunda a sábado na Band. Em contrapartida, a Igreja Universal do Reino de Deus utiliza uma hora na TV Gazeta, das 20h às 21h, de segunda a sábado.⁶⁷

Para Márcia Benetti, a Igreja Universal e outras igrejas neopentecostais utilizam a mídia de forma sábia: “o discurso é tocante, emociona e mobiliza quem de algum modo não sabe mais em que porta bater. O Estado, a ciência, a política e a filosofia não oferecem respostas para essas pessoas.”⁶⁸

Hartmann sugere que a Igreja Eletrônica está gestando uma neo-religião, de caráter mediático e relações virtuais. O seu mérito principal é que ela está contribuindo para o reencantamento das pessoas. Em um tempo de desilusões e amarguras, estes programas religiosos levam a um reencontro com a própria construção de sentido na vida dessas pessoas. Por isso, este fenômeno abarca muito mais e é bem mais profundo do que se pode en-

66 CAPARELLI e SANTOS, op. cit. Acessado em: 10 fev. 2007.

67 Para detalhes sobre o uso de horários nobres para fins religiosos na TV, ver matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo. JIMENEZ, Keila. Templos na TV. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp2512200293.htm>> Acessado em: 3 fev. 2007. Ver também os sites das emissoras: <http://band.com.br> e www.tvgazeta.com.br. Acessados em: 3 fev 2007.

68 MACHADO, op. cit.

tender a partir de uma análise puramente religiosa. Trata-se de um fenômeno social com ramificações para diferentes áreas do conhecimento humano.⁶⁹

69 HARTMANN, Attilio I. El retorno a la “aldea” - ¿Nostalgia o esperanza? In: LEE, Philip (ed.). *Comunicación y fe — Desafíos para un milenio globalizado*. Londres: WACC, 2001, p. 93.

3. O USO DA TELEVISÃO PELA IELB — VISÃO HISTÓRICA GERAL

O uso dos meios de comunicação está previsto no Estatuto e no Regimento da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. No capítulo II do Estatuto, Artigo 5º, e), é dito que a Igreja, para cumprir sua finalidade, “utilizará os meios de comunicação”. No Regimento, onde se fala sobre a Área de Comunicação, lê-se que a Igreja tem como objetivo de exercer um ministério cristão formador e evangelizador e que este acontecerá “através dos diferentes veículos de comunicação” (Capítulo V, Artigo 69). Neste mesmo artigo, é dito que a Igreja deverá:

— “Divulgar os programas e a mensagem da IELB pelos meios de comunicação social” (IV);

— “Alertar a opinião pública quanto a conteúdos dos meios de comunicação que não condizem com a verdade” (V);

— “Praticar um jornalismo dinâmico, ético, cristão, luterano, através de todos os meios de comunicação disponíveis (VI);

“Estimular e apoiar o uso dos meios de comunicação nas congregações e entidades.” (X)⁷⁰

Como se nota, o uso dos meios de comunicação é previsão estatutária e regimental na IELB. Mas como será a realidade? É o que se pretende responder nos próximos dois capítulos. No primeiro momento, será feito um breve levantamento sobre o uso principais veículos. Em seguida, será detalhado o uso da televisão de uma forma geral. Finalmente, uma visão histórica dos programas mantidos pela Igreja no passado e no presente será apresentada no Capítulo 4.

70 IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. Estatuto, Regimento, Código de Ética Pastoral, Regras Plenárias, Administração. Porto Alegre, edição atualizada de 2006.

3.1. VISÃO GERAL DO USO DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

Com invento dos tipos móveis por Gutenberg, em 1447, novas e grandes oportunidades surgiram para uma rápida multiplicação da palavra escrita. Desde logo, o luteranismo soube utilizar-se deste meio para comunicar o evangelho.

Lutero foi o grande expoente dos primórdios da imprensa massiva. Compreendendo a importância desde meio, julgava que a imprensa era o último milagre de Deus para propagação ainda mais rápida do Evangelho. A Reforma liderada por Lutero aconteceu não tanto do púlpito e da cátedra, mas através da imprensa.

Tradicionalmente, a imprensa tem sido o meio de comunicação de massa mais utilizado pela IELB, em forma de livros, revistas, jornais, folhetos e vários outros formatos. Mesmo com a chegada do rádio ao Brasil, foi a mídia mais usada, mas não tanto para o evangelismo, e sim para a informação e formação dos próprios fiéis.

No caso da IELB, um indicativo claro desta preocupação está no fato de que a sua primeira publicação regular, o *Evangelish-Lutherisches Kirchenblatt fuer Suedamerica* [Jornal da Igreja Evangélica Luterana para a América do Sul] iniciou em dezembro de 1903 — portanto antes da fundação da própria Igreja, que aconteceu em junho de 1904.

No ano de 1917 começou a ser editado o primeiro periódico em língua portuguesa — o *Mensageiro Christão* (que no ano seguinte mudou de nome para *Mensageiro Luterano*). Esta revista ainda é editada, constituindo-se no principal órgão impresso da IELB, com tiragem mensal de cerca de 9 mil exemplares.

Na década de 1950, a IELB possuía, além do *Kirchenblatt*,

as seguintes publicações periódicas: Mensageiro Luterano, Igreja Luterana, Lar Cristão, O Jovem Luterano, O Pequeno Luterano e Luther-Kalender. Destas, existem hoje apenas as três primeiras, sendo que não foram criados periódicos novos para atender a esta segmentação. Uma publicação infantil é mensalmente encar-tada no Mensageiro Luterano, com o nome de Mensageiro das Crianças.⁷¹

O rádio surgiu no fim do século 19 e chegou a Brasil em 1922. Em 25 de maio de 1929, na Rádio Clube do Brasil, Rio de Janeiro, o pastor Rodolpho F. Hasse utilizou o veículo para transmitir um culto — o que aconteceu ainda outras vezes a partir de então. Em 14 de março de 1937, foi irradiado, pela Rádio Farrou-pilha, em Porto Alegre, RS, o primeiro “sermão radiofônico”.

Todavia, a Igreja começou a atuar organizadamente no rádio apenas em 1947, através da Hora Luterana, a Voz da Cruz.⁷² A organização surgiu com o objetivo de produzir programas para serem reproduzidos em emissoras brasileiras.

A ruptura entre as organizações religiosas e os meios de comunicação de massa vem diminuindo, como ficou evidenciado no Capítulo 2. Nos últimos anos, não só a televisão, mas também a internet se tornou um meio de expressão da religiosidade das pessoas. Rapidamente, elas vêm construindo sites, portais e emissoras virtuais de televisão e rádio, além chats, blogs, fóruns, etc. A IELB colocou a primeira versão do seu site na internet em fevereiro de 1997. Dezenas de organizações e congregações da Igreja mantêm sites. Todavia, o investimento neste veículo ainda pode ser considerado tímido.

71 Para detalhes sobre uso da imprensa pela IELB ao longo da sua história, ver REHFELDT, Mário L. Um grão de mostarda — A história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Traduzido por Dieter Joel Jagnow. Porto Alegre: Concórdia, 2004. v. 1; BUSS, Paulo. Um grão de mostarda — A história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Concórdia, 2006. v. 2; WARTH, Carlos H. Crônicas da Igreja. Porto Alegre: Concórdia, 1979.

72 Hoje com o nome de Cristo Para Todas as Nações.

3.2. VISÃO HISTÓRICA GERAL DO USO DA TELEVISÃO

A televisão chegou ao Brasil em 1950. Somente cerca de 25 anos depois a IELB começou a utilizar este veículo de forma regular.

A década de 1980 marcou o apogeu e a decadência da Igreja uso da TV como veículo de evangelização. Neste período, a IELB chegou a ter oito programas de veiculação regular. Hoje, possui um. Dado significativo é que nenhuma destas iniciativas se deveu à Igreja como um todo, mas a determinados segmentos dela.

A década de 1990 marcou um período de declínio acentuado. Todavia, no final dela iniciou-se um processo de renovação de interesse, especialmente pelo tema comunicação, cujo auge se deu em 2006.

3.2.1. DÉCADAS DE 1940 A 1960

Ao que tudo indica, a primeira referência de eventual uso da televisão pela IELB é de junho de 1948. Uma nota da revista Mensageiro Luterano, órgão oficial da Igreja, dava conta de que, em 1 de janeiro daquele ano, a organização Hora Luterana (da Igreja Luterana — Sínodo de Missouri), dos Estados Unidos, havia transmitido seu primeiro programa pela televisão. Paralelamente a esta transmissão, foi realizado em uma congregação “um culto por televisão”, considerado o “primeiro culto desta espécie realizado na América.” Quase ao final da nota, é dito que “esta maravilhosa invenção deve ser empregada pelos cristãos na difusão de todas as gentes.” Finalmente, a nota faz um prenúncio indireto para o uso da televisão pela IELB: “Em anos não remotos... poderá se tornar também em nosso país... na anunciação da Palavra de Deus”.⁷³

⁷³ A HORA LUTERANA e a televisão. Mensageiro Luterano, Rio de Janeiro, n. 6, ano 31, p. 43, 44, jun. 1948. O que se percebe através da publicação da nota é que mesmo antes do

De acordo com Paulo Buss, os primeiros registros do interesse da Igreja em usar os veículos aparecem em 1960.⁷⁴ Neste ano, a Convenção Nacional da IELB determinou que o Departamento de Educação Paroquial tivesse como uma das suas atribuições o estudo da possibilidade de produzir programas religiosos para a TV. Outro registro, de 1962, indica que a Igreja esperava iniciar, em breve, programas religiosos de televisão em algumas capitais de estados brasileiros. Todavia, conclui Buss, “o acesso à televisão continuava um sonho não-realizado no final da década.”⁷⁵

Em 1969, a Igreja fez publicar uma matéria onde novamente o assunto é tratado. Com o título *Vamos à T.V.* [sic], o artigo inicia dizendo que há muito a IELB vem sonhando com um programa de TV, mas que até o momento nada havia sido conseguido. Novamente é citado o exemplo dos luteranos dos Estados Unidos, que mantinham diversos programas. Em seguida, o texto traz uma informação que ainda não havia aparecido em registro anterior: de que há anos a IELB tinha o interesse em transmitir no Brasil um dos programas de maior audiência nos EUA, o *Esta é a Vida*. É dito que um pastor da Igreja havia assumido a direção da Hora Luterana Internacional e que ele estava “convicto de que em muito breve teremos este programa na TV brasileira.”⁷⁶

Após estas notas introdutórias, o texto apresenta um artigo do pastor Hilmar Kannenber, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A transcrição do artigo no Mensa-

início das transmissões de televisão no Brasil, a IELB já estava interessada no assunto, tendo como ponto de referência a Igreja Luterana — Sínodo de Missouri, dos Estados Unidos. (A mesma revista publicou outra nota do uso da televisão por luteranos nos EUA em maio de 1949, p. 39.)

74 Deve se entender a expressão de Buss como sendo referência ao primeiro registro de uma ação concreta para uso da televisão, haja vista a nota anterior.

75 BUSS, op.cit., p. 87.

76 VAMOS à T.V. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 11, ano 52, p. 16, nov. 1969. Esta série estreou nos EUA em 1952 e ficou no ar até o final da década de 1980. Originalmente era produzida pela Igreja Luterana — Sínodo de Missouri e distribuída International Lutheran Laymen's League (Liga Internacional de Leigos Luteranos).

geiro Luterano tem um claro cunho de incentivo e desafio para a IELB: a importância e a necessidade de usar a TV como veículo de evangelização no Brasil. O artigo faz afirmações como estas: "Ninguém deixa de ver TV, nem mesmo os seus maiores críticos"; "A TV atinge todas as camadas sociais"; "Pela TV o Evangelho entra em lares nunca imaginados"; "A televisão... é um instrumento valioso para a missão". Hilmar também diz que num país onde os evangélicos são absoluta minoria, rádio e televisão são praticamente os únicos meios de comunicação com o povo. Ele cita o exemplo do Japão: 30% dos membros de igrejas luteranas do país tiveram seu primeiro contato com o cristianismo através do rádio e da TV. Em razão disto, diz, é de se estranhar a ausência marcante de programas das igrejas no Brasil, particularmente as igrejas protestantes. Por fim, o autor sugere um caminho a ser trilhado: "reunião de todas as forças disponíveis para ao patrocínio, a compra de espaço na TV, censura e dublagem dos filmes. O evangelho nos deve ser tão caro que nada nos seja caro demais para a sua transmissão aos homens."⁷⁷

3.2.2. DÉCADA DE 1970

A década de 1970 marca o início de um processo regular no uso da televisão pela IELB. Historicamente, é possível dizer que o ponto de partida foi uma reorganização administrativa da Igreja. Ela iniciou em janeiro de 1972, em uma Convenção Nacional. Todos os departamentos e comissões até então existentes deram lugar a quatro departamentos, cada qual dirigido por um secretário executivo. Inicialmente, os departamentos eram estes: Missão, Educação Paroquial, Educação Média e Superior, e Finanças. Na Convenção Extraordinária de 1976 foi criado mais um departamento: Comunicação. Foi a partir da criação deste Departamento que o investimento em comunicação na Igreja — também em televisão — ganhou um significativo impulso, tendo

seu auge em meados da década de 1980.

Esta tendência na IELB de investir em televisão é revelada através de uma série de indicativos situados no ano de 1976, especialmente. Para fins históricos, este ano pode ser apontado como o início de uma nova era na Igreja no que se refere à comunicação e à televisão.

O primeiro indicativo é a presença do assunto “meios de comunicação de massa” na 45^a Convenção Nacional, realizada nos dias 21 a 26 de janeiro, em São Leopoldo, RS. Durante o evento foram realizadas dez oficinas sobre diferentes temas. Uma delas teve como tema Os meios de comunicação social e a Igreja.

O segundo momento se localiza em setembro deste ano, quando foi publicada uma extensa reportagem sobre a Hora Luterana Internacional, dos Estados Unidos, responsável pelo então maior programa de rádio de uma organização não-governamental.⁷⁸ A matéria enfoca os investimentos feitos pela organização no rádio e na televisão.

A comunicação pelo rádio e pela televisão também teve novamente amplo destaque no Mensageiro Luterano em dezembro. Nesta edição foi publicada na revista uma extensa entrevista com Oswald Hoffmann, orador em língua inglesa da Hora Luterana Internacional, além de conferencista em cruzadas evangélicas ao redor do mundo. Em março, Hoffmann havia estado no Brasil e realizado cruzadas em várias cidades brasileiras. Entre uma série de outros assuntos, ele comenta sobre a diferença entre a comunicação pelo rádio e a pela televisão. Diz que o rádio é um meio de som e, por isso, a produção precisa ser “praticamente perfeita”; caso contrário, as pessoas desligam. De outro lado, a televisão é um forte meio audiovisual. Daí a importância de se utilizar imagens para acompanhar a fala. Hoffmann também diz

78 Na época, o programa era transmitido por 1.800 emissoras de 125 países e em 50 línguas diferentes.

que, enquanto os programas de rádio costumam ficar no ar por muito tempo, os de TV se esgotam rapidamente.⁷⁹

Neste mesmo ano saiu uma publicação (lançada no final de 1975) que dava indícios concretos do interesse da Igreja em investir em comunicação. Trata-se do anuário *Lar Cristão 1976*, que tinha como título de capa *Ide, comunicai...* O anuário trazia cerca de 20 textos abordando a comunicação da Igreja em diferentes contextos (no lar, na escola, na catedral, no púlpito, etc.). Não há uma referência direta ao uso da televisão. Todavia, onde o rádio é abordado, é dito que, quando Jesus Cristo deu a ordem missionária para os seus seguidores (cf. Capítulo 1), ele “certamente também quis referir-se ao uso dos modernos meios de comunicação, qual seja a Imprensa, o Rádio e a Televisão.”⁸⁰

No anuário também foi publicada o que parece ser a primeira reflexão crítica impressa na IELB sobre o que é denominado “mass-média”, ou seja, os grandes meios de comunicação. São citados: jornal, revista, livro, rádio, filme e televisão. O texto fala sobre a pressão que estes veículos exercem sobre a “massa”. Por si só, os veículos são neutros, mas que podem ser utilizados para o bem ou para o mal.

Em seguida, o artigo avalia como o cristão deve se posicionar diante dos “mass-média”. Duas atitudes básicas são citadas. Em primeiro lugar, é necessário escolher e controlar bem o que é lido e visto. Em segundo lugar, o cristão e a Igreja devem fazer uso correto “dos maravilhosos meios de comunicação.” É preciso usar o rádio e a TV para transmitir bons programas, ou seja, que veiculem a Palavra de Deus. Assim, “os meios de comu-

79 DINAMISMO e progresso na Igreja. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n. 2/3, ano 59, p. 16, fev./mar. 1976; HEIMANN, Leopoldo. O maior programa religioso do mundo! Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 9, ano 59, p. 13-15, set. 1976; HEIMANN, Leopoldo. Cristo é o Senhor. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 12, ano 59, p. 5-9, dez.. 1976.

80 WARTH, R. Pelo microfone. IN: *Lar Cristão 1976*. Porto Alegre: Concórdia. Ano XXVII, p. 59.

nicação podem ser uma grande bênção para a humanidade.”⁸¹

Além destas abordagens no Mensageiro Luterano e no Lar Cristão, um outro indicativo é que neste ano iniciou o primeiro programa regular da IELB na televisão: o A Hora, de Erechim, RS. Durante quatro anos ele permaneceu como o único programa da Igreja na TV.⁸²

Outra marca da segunda metade da década foi o empenho do primeiro secretário executivo eleito para o Departamento de Comunicação, pastor Leopoldo Heimann, no sentido de desenvolver uma série de ações em comunicação. Uma delas foi o início de uma série de Congressos Luteranos de Comunicação.

O primeiro Congresso aconteceu nos dias 23 a 25 de maio de 1978, em São Leopoldo, com mais de 200 participantes. Uma justificativa para a realização do evento apareceu em matéria do Mensageiro Luterano da edição de abril daquele ano. É dito que a Igreja deve conhecer e procurar investir nas novas formas de comunicação que estão à disposição para o anúncio do Evangelho. Assim, o encontro tinha como objetivo refletir sobre a “importância e necessidade de se utilizar cada vez mais e melhor dos diversos veículos de comunicação social.”⁸³

Na edição do Mensageiro Luterano em que foi publicada a reportagem sobre o Congresso, Heimann justifica a realização do evento por vários motivos. Um deles era analisar “este complexo mundo das comunicações: os veículos, as mensagens, o

81 KUCHENBECKER, H. O uso dos meios de comunicação. IN: Lar Cristão 1976. Porto Alegre: Concórdia. Ano XXVII, p. 76-78.

82 Este e outros programas regulares da IELB serão vistos no Capítulo 4. Ao que tudo indica, a primeira informação oficial de que havia surgido o primeiro programa religioso da IELB na televisão aconteceu somente em maio de 1977. Embora a reportagem de dois terços de página do Mensageiro Luterano aponte para o fato — Erechim tem programa religioso na TV -, somente algumas linhas realmente tratam do assunto em termos de informação. É dito que “Deus nos abriu uma grande porta e está nos dando uma possibilidade extraordinária para levar a mensagem da salvação a lares, através de um programa semanal na TV...” e que se tratava do primeiro na Igreja. TILP, Edgar. Erechim tem programa religioso na TV. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 5, ano 60, p. 20, maio 1977.

83 KUCHENBECKER, Horst. 46º Convenção Nacional da IELB. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 4, ano 61p. 9, abr. 1978.

estranho comportamento de nossa sociedade massificada...” Um outro motivo era provocar o despertar da IELB sobre a necessidade de “utilizar, cada vez mais e melhor, estes novos púlpitos que a ciência e a técnica colocaram à nossa disposição...”⁸⁴

Este Congresso teve como tema A Igreja busca novos púlpitos. Foram realizadas várias palestras por profissionais de diferentes veículos, além de teóricos da comunicação. Em uma delas, o pastor Ilmar Kannenberg disse que a Igreja deve semear o Evangelho também através da televisão. Para tanto, precisa usar a imaginação, criando programas que realmente prendam a atenção das pessoas. Para ele, o rádio e a televisão podem ser transformados em “verdadeiros púlpitos”. Todavia, advertiu, “o objetivo da Igreja no uso desses meios é levar o indivíduo à comunhão na comunidade cristã, e não formar uma espécie de comunidade aérea, de uma ‘igreja do ar’”.⁸⁵

Em outra palestra, o teólogo católico Urbano Zilles enfatizou a necessidade da Igreja integrar os meios de comunicação social em sua reflexão teológica, pois não bastava formar técnicos. “Não se resolve o problema com gente diplomada nas universidades, mas deve-se levar em conta os aspectos teológicos da comunicação”, disse. Neste sentido, Zilles criticou a Igreja Católica, considerando que ela não havia se preparado adequadamente para o uso da TV e do rádio: “A Igreja nunca preparou homens para tal serviço; ela se preocupou e instalou emissoras de rádio e TV, além de gráficas e editoras, e pôs apenas técnicos lá dentro.” Zilles também afirmou que se a comunicação massiva não fosse acompanhada de comunicação interpessoal, tendia a ser vaga e incompleta.⁸⁶

84 HEIMANN, Leopoldo. Apresentando. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 7, ano 61, p. 2, jul. 1978.

85 GRASEL, Gerhard e PETER, Silvo R. A igreja busca novos púlpitos. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 7, ano 61, p. 5-12, jul. 1978.

86 Idem.

O segundo Congresso aconteceu no ano seguinte, nos dias 29 a 31 de maio, também em São Leopoldo. Este teve como tema A Igreja cresce escrevendo. O evento destacou a redação para diferentes veículos, como o rádio e o jornal, mas não há informação de que a televisão tenha sido contemplada. Apenas há indicação de que os congressistas visitaram a TV Guaíba, de Porto Alegre, e que “foi de proveito esse encontro com a moderna técnica e aparelhagem da comunicação eletrônica.”⁸⁷

Durante esta década, a Hora Luterana também procurou investir em televisão. Em dezembro de 1972, trinta emissoras da Rede Globo veicularam o filme O Natal é..., produzido nos Estados Unidos e dublado pela Hora Luterana. No ano seguinte, o mesmo filme foi ao ar em algumas emissoras da Rede Tupi.⁸⁸

Em meados de 1974 aparece um registro de que a Igreja desejava transmitir o Evangelho pela televisão de uma forma regular e que fazia esforço nesse sentido. Contudo, as perspectivas eram pouco animadoras. Nesse sentido, é emblemática a afirmação de diretores da Hora Luterana: “Infelizmente não podemos acusar grandes progressos na missão pela televisão, apesar de não termos poupado esforços neste sentido.”⁸⁹

Na segunda metade da década, a questão da dublagem do seriado Esta é a Vida continuava na pauta da Hora Luterana. O Mensageiro Luterano de outubro de 1977 registra o momento em que um luterano norte-americano, representando um distrito de leigos dos EUA, entrega ao então presidente da IELB, Johannes Gedrat, um cheque de 5.000 dólares para a dublagem. A nota também informa que uma rede de televisão brasileira havia prometido transmitir 26 episódios da série ao longo de um ano, tão logo eles estivessem prontos. O custo do projeto estava

87 GRASEL, Gerhard. A Igreja cresce escrevendo. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 8, ano 62, p. 4-8, set. 1979.

88 BUSS, op. cit., p. 177.

89 GEDRAT, Johannes e WARTH, Rodolpho. Hora Luterana: Trazendo Cristo às nações. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 7, ano 57, p. 17, jul.1974.

orçado em 30 mil dólares. Esforços estavam sendo feitos para fazer as dublagens.⁹⁰

Novas informações sobre a série *Esta é a vida* aparecem em abril de 1978. É informado que a dublagem ainda não havia sido feita — mas que o seria “muito em breve” — e que parte do dinheiro já estava disponível. Depois de superada a etapa da dublagem haveria um novo desafio a ser superado: a distribuição. Também é dito que “se esta série de filmes tiver boa aceitação pelo público brasileiro, sem dúvida alguma as atividades resultantes deste empreendimento serão inúmeras e em muito a IELB será beneficiada.”⁹¹

Na edição de maio de 1978 do *Mensageiro Luterano* é publicada uma entrevista com o recém eleito Presidente da IELB, Johannes Gedrat. Em uma das perguntas foi colocada a realização do 1º Congresso de Comunicação que aconteceria em breve e a “convicção de que igreja precisa anunciar a mensagem de Cristo através dos veículos de massa”. Perguntado sobre sua opinião acerca do assunto, Gedrat respondeu: “A igreja deve utilizar-se de todos os veículos para levar aos homens a mensagem da salvação em Cristo.”⁹²

Em dezembro deste mesmo ano, um editorial da revista *Mensageiro Luterano* insistia na necessidade da Igreja sair de si mesma e divulgar ao grande público a mensagem de Cristo. O texto dizia que, caso Cristo desafiasse a sua Igreja hoje para a evangelização, diria algo como: “proclamai-o através de todos os veículos de comunicação social... através do rádio, da televisão, do cinema, do livro, dos jornais, das revistas, dos cartazes.” Em seguida, o autor diz que “os meios eletrônicos de massa de-

90 JUNG, Paulo Kerte. No Brasil — *Esta é a Vida*. *Mensageiro Luterano*, Porto Alegre, n. 10, ano 60, p. 18, out. 1977.

91 WARTH, Rodolpho. Há trinta anos a Hora Luterana está transmitindo a Palavra de Deus ao povo brasileiro. *Mensageiro Luterano*, Porto Alegre, n. 4, ano 61, p. 27, abril 1978.

92 HEIMANN, Leopoldo. “Aceito minha eleição como um chamado especial de Deus”. *Mensageiro Luterano*, Porto Alegre, n. 5, ano 61, p. 7, maio 1978.

vem estar a serviço da propagação do evangelho” e que a Igreja precisa usar “todos aqueles instrumentos de comunicação que vão mais alto e mais longe.”⁹³

O crescente interesse da IELB pela televisão também pode ser notado no aumento do número de artigos publicados na revista oficial da Igreja a partir de meados da década. Havia uma certa preocupação sobre o conteúdo da TV e o seu efeito sobre as crianças. Por exemplo, em outubro de 1977 foi publicada uma matéria Televisão, a nova moléstia da infância. Em abril de 1979 o assunto foi As crianças da geração televisão.

3.2.3. DÉCADA DE 1980

A década de 1980 marca o apogeu da presença da IELB nos meios de comunicação, particularmente na TV. Um dos primeiros registros desta fase foi um evento que aconteceu nos dias 2 e 3 de setembro de 1980, quando a Hora Luterana realizou um encontro de colaboradores, na cidade de São Paulo. Há registro de que os programas regulares de TV da IELB que existiam na época (A Hora, A Voz da Cruz e Expectativa) foram alvos de considerações durante o evento.⁹⁴

O encontro da Hora Luterana também revela uma dupla face da realidade do uso religioso da TV por luteranos dos Estados Unidos e do Brasil. Esteve presente no encontro um representante da Igreja Luterana — Sínodo de Missouri, dos EUA. Ele falou sobre o trabalho desta Igreja no rádio e na televisão. Embora o trabalho no rádio estivesse bem, o da televisão estava tendo problemas crescentes, pois estava aumentando cada vez mais a dificuldade de transmitir programas religiosos por este veículo.

93 HEIMANN, Leopoldo. Proclamar dos telhados. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 12, ano 60, p. 3, dez. 1977.

94 SEIBERT, Erni W. A Hora Luterana continua levando Cristo para as nações. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 11, ano 63, p. 11,12, nov. 1980.

Conforme visto no Capítulo 2, as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pela forte presença de tele-evangelistas na televisão Brasileira. O assunto foi pautado pela revista Mensageiro Luterano de janeiro/fevereiro de 1981. A matéria é uma crítica, especialmente, ao norte-americano Rex Humbard. Suas pregações são consideradas espetáculos teatrais e de autopromoção. Além disso, ele é acusado de usar da boa fé dos evangélicos brasileiros. Por isso, após escrever que Humbard fizesse seus programas onde e como quisesse, o autor faz um apelo: “mas que faça tudo isto à sua própria custa e não use e abuse de nossa gente e dos nossos recursos.”⁹⁵

De outro lado, o autor também critica os crentes evangélicos, que se deixam levar pela “genuína danças das cores para impressionar os olhos, divertir e deleitar o povo, seguido sempre do maior milagre, real milagre e único, o de coletar fundos financeiros como nunca se fez entre os evangélicos do Brasil...” Por esta razão, os crentes são instados a saírem do “esclerosamento espiritual” e “usar a cabeça”.⁹⁶

Nos últimos anos da década de 1970 e no começo da década de 1980 surgiram quatro programas de televisão na IELB. Em abril de 1981, a revista Mensageiro Luterano publicou uma extensa reportagem sobre eles.

Na abertura da matéria são mostrados rapidamente os investimentos feitos pela Igreja nos meios de comunicação, como a imprensa e o rádio. Também são citados eventos abordando a Igreja e os meios de comunicação. Referindo-se ao uso da TV, é dito que “mesmo conhecendo, há tempo, a importância e a penetração da TV e a necessidade de utilizar este maravilhoso

95 EGG, Carlos René. A dança das cores — Rex Humbard no Brasil. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 1, ano 64, jan./fev. 1981, p. 16,17. Este artigo havia sido originalmente publicado dois anos antes no jornal O Estandarte, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

96 Idem. O assunto voltou às páginas do Mensageiro em novembro de 1985 (p. 32), onde é citada uma matéria publicada no jornal Folha de São Paulo (24/02/1985) sobre o fenômeno da Igreja Eletrônica e as cifras astronômicas envolvidas e o esquema de marketing utilizado.

instrumento de comunicação, faz poucos anos que a igreja mantém programas regulares.”⁹⁷

A reportagem também explica que as principais dificuldades para multiplicar o número de programas são o alto custo de veiculação, poucos profissionais qualificados e carência de equipamento. Em seguida, são apresentados os quatro programas regulares que existiam na época: A Hora (Erechim, RS), A Voz da Cruz (Cruz Alta, RS), Expectativa (Vitória, ES) e Expectativa (Cascavel, PR).

Além de historiar os programas com informações de pessoas ligadas a eles, a matéria também traz opiniões delas sobre o uso da TV. Em uma delas é dito que a Igreja está atrasada “no tempo e no espaço. Se Deus deu sabedoria ao homem para aperfeiçoar a técnica, por que não colocar Cristo como estandarte vivo na frente desta técnica? A TV não pode ser esquecida.” Em seguida, é afirmado que, embora a TV seja um investimento caro, mais caro é o Evangelho de Jesus Cristo e a salvação das pessoas. Por esta razão, é dito que “se o apóstolo Paulo estivesse aqui hoje, por certo estaria voando em supersônico, falando pelo rádio, programa de televisão, pois a seara está madura e não há tempo a perder.”⁹⁸

Ainda em 1981, foi publicada no Mensageiro Luterano uma reportagem sobre o 3º Congresso Luterano de Comunicação, realizado em São Leopoldo, com a participação de 198 inscritos. O tema geral foi É tempo de falar. Esse congresso, como os anteriores, foi uma promoção do Departamento de Comunicação da Igreja.⁹⁹

Neste encontro, o uso da televisão como veículo de evan-

97 HEIMANN, Leopoldo. Proclamando Cristo do alto dos telhados. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 4, ano 64, p 6, abr. 1981.

98 Ibidem, p. 11.

99 GRASEL, Gerhard e JUNG, Paulo Kerte. É tempo de falar. Mensageiro Luterano, n. 10, ano 64, p 4-8, out. 1981.

gelização recebeu destaque sob diferentes ângulos. O jornalista Carlos Henrique Weber palestrou sobre as características de um programa religioso na TV. Ele afirmou que a TV é um grande desafio missionário que requer uma equipe capaz de atuar nas mais diferentes áreas, desde a produção até a execução.

O pastor Nikolai Neumann falou sobre a manutenção de programas religiosos, particularmente no rádio e na televisão. Para ele, este era o “calcanhar de Aquiles”. Sugeriu que cada congregação da Igreja criasse uma equipe de pessoas interessadas nos meios de comunicação e que previsse em seu orçamento investimentos nestes meios.

O jornalista Roberto Thomé palestrou sobre os equipamentos utilizados para se fazer TV. Em sua avaliação, por causa dos altos custos destes equipamentos, a solução mais adequada era usar os que as emissoras locais possuíam.

O convidado especial do evento foi o jornalista Ruy Carlos Ostermann. Ele falou sobre a sua experiência da televisão sob vários aspectos e repassou orientações sobre o seu uso adequado.

Também houve um painel para que os programas de TV então existentes pudessem relatar suas experiências.

É significativo notar que durante o Congresso foi utilizado considerável tempo para discutir a criação de uma “central de produção e informação” da IELB. Um levantamento feito indicava que, em média, os programas exigiam doze horas semanais de produção. A ideia era criar um núcleo que alimentasse os programas regionais com material recolhido entre as pessoas que atuavam na área. Com isso, se evitaria desperdício de talentos, de tempo, de energia e de dinheiro.¹⁰⁰

100 Na reportagem citada é dito que “a ideia da central está germinando”. O assunto voltaria à pauta de um Congresso de Comunicação em 1984.

Uma iniciativa da Redação do Mensageiro demonstra a importância que a atuação da IELB no rádio e na TV estava tendo no início da década. Na edição de janeiro de 1982 estreou uma nova coluna, como o nome de Rádio e TV. Na justificativa da Redação consta que o espaço estava sendo aberto para que programas regionais, mantidos por indivíduos, congregações e distritos, pudessem divulgar suas atividades missionárias pelo rádio ou TV. A coluna iniciou com uma matéria de página inteira sobre o programa Expectativa, de Vitória.¹⁰¹

Como havia acontecido com a edição de 1976 do anuário Lar Cristão, a edição de 1982 enfocou a comunicação da Palavra de Deus de diversas formas. Também foram apresentados os quatro programas de TV que existiam então: A Hora, A Voz da Cruz, Expectativa (Vitória, ES) e Expectativa (Cascavel, PR).¹⁰²

Nesta década surgiu uma outra iniciativa que procurou usar a televisão como instrumento de evangelismo: o Projeto Um Momento. A Liga de Leigos Luteranos do Brasil (LLLB) resolveu, em um congresso nacional extraordinário, realizado em janeiro de 1982, que destinaria 80% das ofertas recebidas para investimento evangelísticos no rádio e na televisão. Segundo Paulo Buss, a Liga, auxiliada pelo Departamento de Comunicação da IELB e pela Hora Luterana, criou a Comissão Rádio e TV. A Comissão liderou a produção do programa Um Momento, cujo objetivo era auxiliar as congregações da Igreja em campanhas evangelísticas.¹⁰³

Na época, o presidente da LLLB, Alcion Sponholz, apresentou o projeto através da revista Mensageiro Luterano. Se-

101 UM ANO de Expectativa. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 1, ano 65, p. 37, jan. 1982.

102 Como será visto no Capítulo 4, o programa Expectativa de Cascavel estava fora do ar quando do fechamento desta edição do Lar Cristão.

103 Não foi localizado registro oficial de campanhas evangelísticas com base nos programas. Todavia, ao menos uma aconteceu no Distrito Paraná-Leste, tendo como base a cidade de Curitiba, PR. Espaços foram comprados em uma emissora de TV. Durante vários dias, programas Um Momento foram veiculados em diferentes horários. Ao final de cada programa, era fornecido um número telefônico, através do qual era possível obter mais informações sobre o assunto, além de outros materiais evangelísticos. Foi montada uma equipe de atendimento na Comunidade São Paulo, do bairro Portão.

gundo ele, os programas tinham o propósito de despertar no telespectador o interesse para que se aprofundasse no tema e buscasse a igreja.¹⁰⁴

Foram produzidos dez programas com a duração de dois minutos, apresentados pelo pastor Nilo Figur. Os temas eram variados e tratavam de questões como o sentido da vida, a esperança, medo da morte, ansiedade, fé e ciência.¹⁰⁵ O primeiro programa foi oficialmente apresentado — e avaliado — durante o VI Congresso Nacional da LLLB, realizado nos dias 18 a 21 de agosto de 1983, em Caiobá, PR.¹⁰⁶

Em junho de 1983, uma matéria publicada no Mensageiro Luterano dava conta que o projeto de veicular a série *Esta é a vida* ainda estava em andamento. É dito que 100 filmes “adquiridos pela rede de Televisão SBT” estavam “em fase de preparação para dublagem” e que os filmes “possivelmente ainda neste ano serão apresentados no Brasil.”¹⁰⁷

Nos dias 25 a 32 de maio de 1983, a IELB realizou o primeiro Concílio Nacional de Obreiros, em Florianópolis, SC. Um dos estudos tratou sobre O obreiro e sua Igreja, onde foi destacado a atenção especial que deve ser dada ao conteúdo das pregações, tanto no púlpito tradicional ou em “outros púlpitos”, como a televisão.¹⁰⁸

Ainda em 1983 foi publicada uma nota no Mensageiro Lu-

104 SPONHOLZ, Alcion. Projeto Rádio e TV. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 66, p. 20, ago. 1984.

105 Idem.

106 KUCHENBECKER, Horst. O desafio dos leigos: missão pela TV. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 6, ano 66, p. 8-10, out. 1983. O projeto ainda estava em andamento em 1985. Em matéria no Mensageiro Luterano, o então presidente da LLLB, Alcion Sponholz, escreve sobre o Projeto Participação. Uma das ações do Projeto era a arrecadação de fundos e o investimento no programa Um Momento. SPONHOLZ, Alcion. O presidente da LLLB fala sobre o Projeto Participação. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 3, ano 68, p. 10,11, mar. 1983.

107 JUNG, Paulo K. Hora Luterana. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 6, ano 66, p. 26, jun. 1983.

108 SEIBERT, Erni Walter. O Concílio Nacional de Obreiros. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 6, ano 66, p. 4, ago. 1983.

terano conclamando os leitores a colaborarem na reposição do acervo da TVE — Fundação Televisão Educativa do Rio Grande do Sul — que havia sido destruído por um incêndio. Os leitores foram convidados a enviar para a emissora “tudo o que for útil à preservação da memória do RS, como fitas, cassete, livros, revistas, áudios, discos, etc.”¹⁰⁹

O ano de 1984 marcou o apogeu da IELB no uso da televisão como veículo evangelizador. Igreja tinha programas em oito canais de TV, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, além do alcance das áreas vizinhas a estes estados. Estes programas tinham uma duração total de 93 minutos, utilizados semanalmente. Na avaliação de Hugo Assmann, os luteranos da IELB faziam “um esforço de programação evangélica de nível técnico e conteúdo responsável.”¹¹⁰

Neste sentido, é emblemática uma edição da revista Mensageiro Luterano deste ano com matéria de capa intitulada Rádio e TV como meios de evangelismo. Na Palavra do Leitor, o jornalista Astomiro Romais escreveu que a Igreja não podia dispensar as possibilidades da tecnologia moderna para falar da vinda do Reino, “sob pena de nos alienarmos e negarmos a ordem de evangelizar os povos.”¹¹¹

No editorial desta edição nota-se uma clara preocupação em usar a televisão como instrumento missionário. É dito que “este veículo de comunicação com os seus prós e contras não pode ser ignorado e omitido na estratégia de Cristo de leve o evangelho a cada criatura.” Também são reconhecidas dificuldades financeiras e humanas, mas com um tom otimista: “Os custos são altos e os recursos humanos não são muitos, mas estes custos nunca serão maiores do que o valor da palavra salvadora de

109 TVE começa de novo. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n. 9, ano 66, p. 32, set. 1983.

110 ASSMANN, Hugo. A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 123. Assmann informa que a duração total dos programas da IELB era de “cerca de 100 minutos”.

111 ROMAIS, Astomiro. Palavra ao Leitor. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 86, p.1, ago. 1984.

Deus...” Por isso, é afirmado que “não podemos ignorar o rádio e a TV como meios de chegarmos aos 120 milhões de brasileiros...” Além disso, nota-se uma satisfação em relação ao uso da televisão pela IELB na década de 80 e prevê avanços: “... e na década de 80 está amadurecendo uma estratégia consciente de uso da TV como meio de proclamar o evangelho através de 7 programas semanais...”¹¹²

Na abertura da reportagem principal são apresentados números sobre o uso do rádio e da TV pela IELB.¹¹³ É dito, também, que a matéria especial tinha por objetivo “dar uma panorâmica do uso que a IELB está fazendo dos meios eletrônicos para a pregação do Evangelho.” O texto também indica que a reportagem fornece subsídios para uma reflexão em torno do tema e chama a atenção para um evento que ocorreria em outubro: o próximo Congresso Luterano de Comunicação. Neste encontro, diz a matéria, “deverá ser estabelecida uma estratégia global de princípios de uso destes meios eletrônicos para o evangelismo.”¹¹⁴

Artigos desta mesma edição do Mensageiro Luterano re-fletem sobre a postura do cristão diante da TV. Dieter Joel Jagnow escreveu que o “cristão pode e deve usar bem a TV”, e Carlos Henrique Weber afirmou que a Igreja tem o desafio de usar o rádio e a televisão com um “padrão de qualidade criativo e comunicador”.¹¹⁵

Também foi em 1984, durante os dias 15 a 17 de outubro, aconteceu o IV Congresso Luterano de Comunicação, em Florianópolis, SC. Foi uma promoção do Departamento de Comunicação da IELB com o apoio de Luteranos Unidos em Comunicação (LUC). A temática do encontro foi Rádio e TV como meios de

112 FIGUR, Nilo Lutero. A missão da IELB no rádio e na TV. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 86, p. 3, ago. 1984.

113 Sobre a TV, os números já foram citados acima.

114 A IELB no rádio e na TV. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 86, p. 8, ago. 1984.

115 JAGNOW, Dieter Joel. O videota — o cristão diante da TV; WEBER, Carlos Henrique. A Igreja e os meios de comunicação. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 86, p. 21, 33, ago. 1984.

evangelismo. Todavia, o destaque ficou por conta da televisão, devido ao significativo número de programas que a IELB mantinha então.

Estiveram reunidas cerca de 80 pessoas — pastores e leigos — que de alguma forma estavam envolvidas ou interessadas no tema comunicação. O objetivo era refletir como a Igreja estava usando os meios de comunicação, se estava alcançando seus alvos, e o que poderia ser aperfeiçoado.¹¹⁶

Na abertura, foram apresentados todos os programas regulares da IELB existentes na época: A Hora (Erechim, RS), A Voz da Cruz (Cruz Alta, RS), Expectativa (de Vitória, ES, também transmitido em Cascavel, PR, e Londrina, PR), Fé e Esperança (Porto Alegre, RS) e Encontro (Florianópolis, SC). Além disso, foi apresentado o projeto Um Momento, da Liga de Leigos Luteranos do Brasil.¹¹⁷

Uma das palestras tratou do tema A comunicação na TV. Ela foi proferida pelo jornalista Gontijo Teodoro, integrante do Departamento de Telejornalismo da extinta TV Tupi e que durante muitos anos foi apresentador do Repórter Esso. Gontijo, além de falar sobre a televisão em termos gerais, fez uma avaliação dos programas de TV da IELB. Uma das suas críticas foi em relação à ausência de testemunhos nos programas, já que os julgava importantes para reforçar a mensagem, promover a imitação, persuadir melhor.¹¹⁸

O pastor e professor Leopoldo Heimann foi outro palestrante do encontro que focou bastante a televisão. Ele abordou a questão teológica em palestra denominada O texto divino para o contexto humano: a Teologia da evangelização nos textos de rádio e TV. Heimann disse que a Igreja Cristã não podia ser subs-

116 FLOR, Jonas. 4º Congresso Luterano de Comunicação. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 12, ano 67, p. 22-25, dez. 1984.

117 Sobre este projeto, veja detalhes acima.

118 FLOR, op. cit., p. 26.

tituída pela igreja eletrônica, mas que os meios de comunicação deveriam ser auxiliares na proclamação do Evangelho. Salientou que a Igreja deveria estar ciente de que estes programas não eram, em primeiro lugar, para os seus próprios membros, mas para o público externo. Heimann também sugeriu que os programas tivessem o que chamou de “carimbo confessional”, ou seja, que tivessem o mesmo formato para identificar a Igreja. Outra ênfase esteve na necessidade da Igreja aprimorar seus talentos nesta área e racionalizar seus esforços nesta área através de uma central de produção de programas.¹¹⁹

Uma das atividades práticas do encontro foi a discussão de princípios e estratégias para o uso do rádio e da TV como meios de evangelismo. Dentre as inúmeras conclusões também relativas à televisão, estão estas:

— As iniciativas até agora desenvolvidas ainda são deficientes no que se refere ao embasamento teórico, técnico e organizacional.

— É urgente a necessidade de formação de recursos humanos através de cursos, treinamentos, etc.

— Embora o nível atual dos programas de TV possa ser considerado satisfatório, em visto dos poucos recursos materiais disponíveis, é urgente o investimento nesta área.

— No que se refere aos recursos financeiros, propõe-se formar comissões congregacionais e distritais, formadas por leigos e pastores, para planejarem a consecução do apoio necessário para o seu programa.

— É imprescindível a montagem de estratégias adequadas para o desenvolvimento de um trabalho evangelístico junto ao público-alvo. “Como numa caça, a TV e o rádio são como cachorros que vão à frente e levam a caça.”¹²⁰

119 Idem, p. 24.

120 FLOR, Elmer. Rádio e TV como meios de Evangelismo. Mensageiro Luterano, Porto Alegre,

— É necessário um maior intercâmbio de programas entre os diversos produtores, a fim de administrar melhor o tempo e os recursos.

— Impõe-se a implantação imediata de uma Central Luterana de Produção de Rádio e TV. Esta Central servirá para a racionalização de custos e desenvolvimento de uma unidade de mensagens e imagem pública e televisa da IELB, além de envolver nesta missão as congregações e os distritos da Igreja. De outro lado, preparará recursos humanos através de cursos profissionais e técnicos, literatura, releases, programas-piloto, etc. Além disso, adquirirá o material e equipamento necessário para o seu bom funcionamento, buscando “recursos financeiros de órgãos que se dedicam a esse ministério no país e exterior, ou de ofertas e doações de indivíduos e firmas que se proponham a isso.”¹²¹

Como havia acontecido no 3º Congresso, realizado em 1981, a questão de uma central de produção ocupou parte do tempo dos congressistas. O assunto ainda continuou latente durante algum tempo na Igreja. Em março de 1985, a Liga de Leigos Luteranos do Brasil (LLLB) publicou artigo no Mensageiro Luterano falando sobre suas metas e seu plano de ação. Fica claro que havia se estabelecido uma parceria entre a LLLB, o Departamento de Comunicação e a Hora Luterana para concretizar o projeto. É dito que o objetivo da parceria era criar a Central “para amparar as congregações e distritos que se utilizam da televisão como apoio para o evangelismo, bem como coordenar a produção e veiculação de programas, visando racionalizar esforços e custos financeiros.”¹²²

O assunto foi também foi alvo de decisão na 50ª Convenção Nacional, realizada de 21 a 26 de janeiro de 1986. Uma das

n. 12, ano 67, p. 25-27, dez. 1984.

121 Idem.

122 LÜDKE, Reinaldo Martim. Projeto Participação — o que é? Mensageiro Luterano, n. 3, ano 68, p. 6-9, mar. 1985. Na matéria também aparece um demonstrativo das ofertas da LLLB e sua aplicação, havendo indicação de provisão para a Missão Rádio e TV.

moções propunha a oficialização da Central de Produções da IELB. A moção foi aprovada.¹²³

Apesar da chancela oficial, pelo que foi possível levantar durante a pesquisa, a Central de Produções nunca chegou a ser concretizada nos moldes planejados.

De todos os Congressos de Comunicação realizados até então, este foi o que modo mais direto e prático focou o uso da TV como veículo de evangelização. A proposta estava dentro do espírito do momento, já que a Igreja estava investindo neste veículo como nunca o fizera antes.¹²⁴

Em fevereiro de 1985, o então Secretário Executivo do Departamento de Comunicação da IELB participou de um encontro de Luteranos Unidos em Comunicação (LUC), em Lima, Peru. No evento, ele palestrou sobre a evangelização através da TV.¹²⁵

Neste mesmo ano, de 22 a 25 de agosto, aconteceu o VII Congresso Nacional da LLLB, em Irai, RS. Durante o encontro foram desenvolvidas duas temáticas: qual é a obra da igreja e como realizar esta obra. Para responder a estas questões, foram discutidos três temas. Um deles foi: O desafio dos meios de comunicação no trabalho da igreja, liderado pelo pastor Nilo Lutero Figur.

Durante o Congresso foi apresentando um documentário sobre o Projeto Participação da Liga. O vídeo, com 20 minutos de duração, havia sido produzido pela LLLB, em conjunto com o Departamento de Comunicação da IELB e a Hora Luterana,¹²⁶ ou

123 AS PRINCIPAIS decisões. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n. 2/3, ano 69, p. 45, jan./fev. 1986.

124 Não foi possível encontrar informações sobre a realização de um 5º Congresso. Ao que tudo indica, isso se deve ao fato do gradativo fim do programas que aconteceram nos anos seguintes, chegando a nenhum antes do final da década.

125 EVANGELHO e comunicação massiva. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 4, ano 68, p 31,32, abr. 1985.

126 VII CONGRESSO Nacional da LLLB. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 12, ano 68, p 20,1, dez. 1985.

seja, a “central de produções”.

Ainda neste ano, a edição de outubro do Mensageiro Luterano traz uma carta de um pastor repercutindo a matéria O videota, publicada em agosto. O autor diz que criou “ao longo dos anos uma verdadeira aversão pelos meios de comunicação, mormente pela TV” e que a TV, embora tenha pontos positivos, os negativos não compensam “gastar tanto dinheiro e tanto tempo com ela.” Ele também afirma que “a TV é um dos mais sérios, um dos mais graves, um dos mais terríveis problemas de nosso tempo e que precisa ser discutido e analisado.”¹²⁷ A preocupação do leitor dirige seu foco à presença da TV na vida das famílias e os danos que pode causar. Não há indício no texto de que exista uma crítica ao empenho da Igreja em usar mais a televisão como veículo missionário.

Apesar de todos os investimentos feitos nas diversas áreas durante o final da década de 1970 e a primeira metade da década de 1980, um a um os programas de televisão da IELB começaram a deixar de ir ao ar, especialmente por causa de dificuldades na manutenção. Buss diz que “já ao final da década, a IELB deixara de utilizar a televisão como veículo de sua mensagem.”¹²⁸

Além disso, um sintoma do estado das coisas nesta segunda metade da década pode ser verificado no fato de que a Igreja resolveu, em 1987, não mais ter um secretário executivo para a área de comunicação. Como “despedida”, o pastor Nilo Figur escreveu um editorial do Mensageiro Luterano no início de 1988. Apesar do declínio dos investimentos da Igreja na área — ou talvez por causa dele — ele diz que a comunicação havia assumido um lugar importante, até decisivo em qualquer empreendimento. Por isso, julgava que a IELB precisava “tratar a comunicação, em

127 PFLUCK, Ari. A TV em nosso tempo. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 10, ano 67, p. 33, out. 1984.

128 BUSS, op.cit., p. 254. Além disso, registra Buss, também houve redução no acesso ao rádio. Não foi possível encontrar registros sobre a data do término dos programas regulares que existiam na IELB.

todas as suas áreas de atuação, como algo até decisivo na busca do seu objetivo maior, que é o testemunho da nova vida em Cristo.”¹²⁹

Criado em 1976, o Departamento surgiu no mesmo ano que foi criado o primeiro programa de TV da IELB, o A Hora. A extinção do cargo de Secretário Executivo se deu exatamente no período em que os programas regulares já tinham ou estavam em processo de sair do ar. Todavia, o Departamento voltaria a ter um Secretário quatro anos depois, como será visto mais adiante.

Embora não especificamente a televisão, a questão dos meios de comunicação ainda ocupou espaço importante na IELB quase no final da década. De 13 a 17 de abril de 1988, a Igreja realizou sua 51ª Convenção Nacional, em Brasília. Uma das conferências foi sobre Igreja e Meios de Comunicação, dirigida pelo jornalista Alexandre Garcia, da TV Globo.¹³⁰

Neste mesmo mês, foi publicada no Mensageiro Luterano uma crítica ao conteúdo da televisão brasileira e à ausência do Cristianismo na programação. De autoria do pastor Vilson Regina, o texto não cita especificamente a IELB, mas, por extensão, a crítica já era válida nesta época, haja vista o acentuado declínio no uso da televisão que estava ocorrendo na segunda metade desta década.

Quando fala do conteúdo, Regina diz que a Igreja Cristã, embora possua “o mais excelente conteúdo”, ela carece “de muito mais espaços nos melhores meios de comunicação”, inclusive a TV. Em seguida, ele faz uma comparação entre a doutrina da ressurreição (cristã) e da reencarnação (espírita). Enquanto que a primeira praticamente quase não aparece nos diferentes veícu-

129 FIGUR, Nilo Lutero. Registros. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, p. 4, fev./mar. 1988.

130 JUNG, Paulo Kerte. Representativa, dinâmica, eficiente. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, p. 28-31, maio 1988. O pastor Nilo Figur, que recém havia deixado o cargo do também recém extinto Departamento de Comunicação, foi o presidente da comissão organizadora da Convenção. Sua atuação foi decisiva para que a comunicação fosse pautada no evento.

los, a segunda tem ampla visibilidade. E isto que, no seu entender, a ressurreição de Jesus Cristo é a “maior manchete da história”.¹³¹

A questão da propriedade do uso da televisão pela IELB voltou a ser mencionada de passagem em artigo do Mensageiro Luterano em agosto de 1988. Sob o título Culpada ou inocente?, o jornalista Décio Dalke analisa a programação da TV. Ele cita estupros, assaltos, socos, vícios, perseguições e uma infinidade de cenas que diariamente aparecem nas telas. Em seguida, comenta que esse estado de coisas não é culpa da TV em si, mas de quem a utiliza. Caso fosse o contrário, escreve, “então a própria Igreja Luterana não mais poderá fazer uso dela para transmitir suas mensagens.”¹³²

O conteúdo da televisão brasileira também foi alvo de uma decisão do Distrito Lago Itaipu da IELB (no estado do Paraná) em sete de março de 1999: enviar uma correspondência para o Presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho. Para justificar a carta, são citados a violência e a imoralidade, tanto nos filmes como nas novelas. Uma das decisões colocadas no texto enviado: “Deixar de assistir a filmes e novelas que apresentam cenas de violência e imoralidades, desligando o aparelho, ou ao menos selecionando um outro canal.”¹³³ Também é dito que os membros de toda a Região Paranaense seriam incentivados a fazerem o mesmo.

No final da década surgiu na IELB o Projeto Macedônia da IELB. No site atual do Projeto, consta que a sua tarefa é de “estimular e treinar pessoas de comunidades cristãs para visitarem ouvintes e telespectadores de programas de 30 segundos em rádio e televisão, onde é oferecida literatura gratuita...”¹³⁴ Não

131 REGINA, Vilson. A maior manchete da história. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, abr. 1988, p. 13, 14.

132 DALKE, Décio. Culpada ou Inocente? Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 8, ano 71, p 21, ago. 1988.

133 DE OLHO na televisão. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, p. 27, jul. 1989.

134 PROPÓSITOS. Disponível em: <<http://www.macedonia.org.br/index.php?pag=propositos>>.

há notícia de que o Projeto tenha utilizado, até hoje, a televisão como ferramenta evangelística.

A indicação da década de 1980 como sendo o auge da presença da televisão como alvo da IELB também pode ser verificado através do número de artigos publicados sobre o assunto no Mensageiro Luterano. Assim como na década de 1970, a preocupação continuou a ser especialmente sobre os efeitos produzidos pela televisão. Em 1984, apareceram vários textos na edição agosto analisando a postura do cristão da Igreja diante da TV, e um outro em outubro, abordando os possíveis efeitos maléficos do veículo. Os efeitos dos comerciais de TV foram abordados em março de 1985. Em junho de 1986 apareceu o artigo A televisão e o tempo. Em 1988, foram publicados dois artigos: Criança e TV: cuidado com o abuso (fevereiro/março) e Televisão: um mal necessário? (agosto).

O assunto também ocupou várias vezes a seção de cartas dos leitores. Ao menos um leitor escreveu à Redação da revista criticando o conteúdo das matérias publicadas, pois há tempo vinha observando “a radical condenação à televisão”. Por fim, ele questiona: “será mesmo a televisão responsável pela mudança dos hábitos dos cristãos? Um cristão autêntico trocaria o culto por um capítulo de novela?”¹³⁵

3.2.4. A DÉCADA DE 1990

Na década de 90, o assunto “televisão” praticamente desapareceu da agenda da IELB. Neste período, os investimentos na comunicação de uma forma geral diminuíram sensivelmente. Inclusive, a estrutura administrativa da Igreja passou por um processo de mudança, que acabou levando à extinção definitiva do Departamento de Comunicação e, por extensão, da figura de

php>. A-cessado em: 25 jan 2006.

135 SOBIESIAK, Regina. Televisão e Telenovela. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, p. 2, jan. 1987.

um Secretário Executivo. Este Departamento havia apoiado, de forma direta e indireta, o surgimento de programas de televisão desde o final da década de 1970 e, especialmente, na década de 1980, além de promover encontros para discutir a comunicação e outras ações.

Uma crítica à atitude da Igreja em relação à comunicação de uma forma geral foi publicada no editorial do Mensageiro Luterano de novembro de 1990. Assinado por Astomiro Romais, a reflexão diz que, ao contrário do que tradicionalmente aconteceu durante a história do Cristianismo, hoje existe um afastamento entre teologia e comunicação. Romais diz que é fácil explicar a ausência nos meios de comunicação argumentando falta de recursos. Mas a questão vai muito além, afirma. A Igreja precisa entender que “a educação e ocupação com a comunicação são fatores fundamentais de quem quer proclamar o evangelho...” Por isso, ela precisa se preocupar como uma série de questões, como estas: a Igreja está se preocupando com a nova sociedade, originária dos meios de comunicação? A Igreja está se preocupando com a nova linguagem do mundo, a fim de poder se comunicar com ele? A Igreja está consciente de que é preciso se aproximar, entender, estudar os novos meios, além de preparar pessoas para utilizá-los adequadamente? A Igreja está ciente da necessidade de comunicar-se melhor e de maneira mais eficiente?¹³⁶

O editorial foi repercutido na seção de cartas de dezembro do mesmo ano. O jornalista Décio Dalke escreveu que a visão da IELB é de gabinete, enquanto deveria de ser de mercado, a partir de fundamentos de marketing. Dalke também diz que não adianta a Igreja ter uma assessoria de imprensa, se não possui uma estrutura de comunicação. Para ele, apenas levar sugestões de pauta aos veículos da Capital [Porto Alegre] “equivale à co-

136 ROMAIS, Astomiro. Igreja e novos desafios de comunicação. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, p. 4, nov. 1990.

municação com tambor em aldeia, quando os meios eletrônicos levam mensagens aos confins do universo.”¹³⁷

A crescente presença da Igreja Universal do Reino de Deus (leia-se Edir Macedo) na mídia, especialmente na televisão, foi motivo de nota e comentário no Mensageiro Luterano de maio de 1991. Na nota, é informado que milhares de fiéis estavam levando aos templos da Universal envelopes com dinheiro como resposta à Operação Salmo 91. A Operação tinha o objetivo de arrecadar dinheiro para pagar dívidas trabalhistas que Macedo havia contraído com a compra da Rede Record. Além disso, a arrecadação também serviria para retomar obras da Igreja, que estavam paradas por causa da redução do volume de contribuições, em função da crise econômica do Brasil.

Após a nota, segue-se um comentário. É dito que o Macedo, já apresentado ao país pela televisão carregando sacos de dinheiro, após uma concentração evangélica da cidade do Rio de Janeiro, “especializa-se na ‘arte’ de arrecadar dinheiro. É um ministro não do evangelho, mas da economia. Das economias dos pobres, entenda-se bem. Para o descrédito cada vez maior do nome ‘evangélico’ junto à opinião pública.”¹³⁸

Ainda neste ano, a comunicação foi novamente pautada em editorial do Mensageiro Luterano, assinado pelo então secretário da Área de Comunicação da IELB, o pastor Nilo Lutero Figur. O artigo é importante porque reflete uma reação a um estado de coisas criado na Igreja nos anos anteriores, o que também contribuiu para o fim do uso da televisão. Figur estava voltando à Secretaria Executiva de Comunicação da IELB após um período de quatro anos em que a função deixou de existir.¹³⁹

137 CARTAS. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, p. 2, dez. 1990.

138 ROMAIS, Astomiro. Para a tele crente. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, p. 32, maio 1991.

139 FIGUR, Nilo. Comunicar é fundamental. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, p. 4, set. 1991. A decisão do fim da Secretaria Executiva havia sido tomada pelo Conselho Diretor da IELB em 1987. Ou seja, a Igreja permaneceu sem Secretário Executivo por cerca de quatro anos. Todavia, mesmo com o retorno do Secretário Executivo não mais seria possível retornar ao

Após afirmar que existe uma relação importante entre a comunicação e a Igreja, Figur diz que é “difícil entender” como uma Igreja que historicamente tinha uma íntima relação com a comunicação resolveu, em 1987, privar a Área de Comunicação de ter uma pessoa para coordená-la. Em seguida, ele demonstra satisfação porque a função foi restabelecida através de decisão da Convenção Nacional.

No restante do artigo, Figur também não cita especificamente a televisão, mas argumenta que “este é um tempo precioso e trepidante no qual precisamos comunicar e comunicar bem os nossos valores, nossa ética, nossa fé e esperança em Cristo” e que “fazendo uso dos recursos da comunicação que Deus está oferecendo à Igreja através da ciência e tecnologia...”¹⁴⁰

Durante esta década a IELB continuou ativa como parceira de Luteranos Unidos em Comunicação (LUC), um fórum de comunicadores luteranos da América Latina. LUC realizou encontros periódicos. Um deles aconteceu em Viamão, RS, em abril de 1993: o 2º Congresso Latino-americano de Comunicação e a VI Assembleia Geral de LUC, que teve como tema central Comunicação para a vida. Um dos organizadores do evento foi o pastor Nilo Figur, que na época ainda coordenava o Departamento de Comunicação da IELB. O encontro se tornou emblemático por mostrar a disposição da Igreja em manter de alguma forma o interesse em comunicação, apesar de não mais usar a televisão como veículo de evangelização. Neste encontro, o pastor Nilo Figur foi eleito como Coordenador Geral de LUC.¹⁴¹

Após um período de cerca de cinco anos sem iniciativas

período áureo da década anterior no uso da televisão. Figur concorreu à eleição ao cargo com mais dois candidatos.

140 Idem.

141 SILVA, João Artur M. da. Luteranos unidos em comunicação. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 9, ano 76, p. 10,11, set. 1993. Também merece nota a participação de representantes da IELB em encontros da World Association for Christian Communication (WACC), seção Brasil, tanto na década de 1980, como nas de 1990 e 2000.

importantes, mudanças começaram a acontecer no final da década de 1990, quando surgiu um projeto conjunto para a televisão entre a IELB e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Em outubro de 1998, aconteceu em Rodeio 12, SC, a 1ª Conferência Nacional Interluterana, organizada pela Comissão Interluterana de Diálogo (CID). Um dos desafios colocados pelo encontro para as Igrejas foi a produção de três VTs de 30 segundos cada para a divulgação da mensagem cristã na televisão.

O projeto, denominado Igreja na TV, foi desenvolvido por comunicadores das duas Igrejas em 1999. Os vídeos tiveram seus conteúdos direcionados para três temas: Reforma Luterana, Liberdade e Novo Milênio.

Os VTs foram oferecidos para as congregações de ambas as Igrejas. Uma nota do Mensageiro Luterano dá conta de “houve 15 encomendas por parte de congregações, paróquias e distritos das duas Igrejas, resultando em boa veiculação em diferentes regiões do Brasil.”¹⁴² Foram seis no Rio Grande do Sul (Estrela, Pelotas, Três de Maio, Erechim, Porto Alegre e Gramado); três em Santa Catarina (Blumenau, Rio do Sul e Tubarão); dois em Paraná (Juranda e Toledo); dois no Mato Grosso (Juína e Cuiabá), um no Rio de Janeiro (capital) e um no Pará (Santarém).¹⁴³

No final da década também começou a projeção nacional do padre Marcelo Rossi na televisão, com a sua “aeróbica do Senhor”. Editorial da revista Mensageiro Luterano de janeiro de 1999 abordou a “ibopização” de Rossi. No final da matéria, os leitores foram convidados a enviar sua opinião sobre o assunto para a Redação, ou seja, se seria bom se a IELB tivesse na televisão pastores como era o padre.¹⁴⁴ Nos meses subsequentes

142 IGREJA na TV. Mensageiro Luterano, encarte Pela IELB, Porto Alegre, n. 2/3, ano 83, p. 4, fev./mar. 2000.

143 CID — A igreja na TV. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 2/3, ano 83, p.14, fev./mar. 2000.

144 JAGNOW, Dieter Joel. A aeróbica do Senhor. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 1, ano 82, p. 3, jan 1999.

várias opiniões foram publicadas. Na edição de abril apareceram dez opiniões. Apesar de serem contraditórias, ficou claro que a Igreja tinha dificuldades nesta área, tanto no uso de dons como da televisão. Um dos leitores escreveu: “...não estamos aparecendo na telinha. Precisamos sair do nosso casulo, fazer uso da televisão e nos apresentar como uma verdadeira igreja missionária.”¹⁴⁵

Convém notar, ainda, que em 20 de novembro de 1999 aconteceu o 1º Encontro de Comunicadores. O evento foi uma promoção de LUC-Brasil com o objetivo de reunir comunicadores da IELB e da IECLB para a discussão de temas afins e o compartilhamento de experiências na área. Um novo encontro foi marcado para 2000, em São Leopoldo, RS.

Embora o uso da televisão tenha cessado na década de 1980, o assunto continuou sendo motivo de matérias na revista Mensageiro Luterano durante esta década. Em agosto de 1990 foi publicado um artigo avaliando o conteúdo da TV brasileira. Em agosto de 1993 saiu um artigo analisando a televisão, a família e a educação. Na edição de janeiro/fevereiro de 1995, um título forte chama a atenção: Jogue sua TV fora! Ou aprenda a usá-la! Em julho de 1999 saiu a matéria TV: de quem é o controle?

3.2.5. A DÉCADA DE 2000

A comunicação — e de forma indireta o uso da televisão — começou a ser pautada novamente na IELB no final da década de 1990 e, de forma mais acentuada, na década de 2000. Em outubro deste ano aconteceu um novo encontro de comunicadores da IELB e da IECLB. Uma das atividades desenvolvida foi a análise da série de três VTs A Igreja na TV, que haviam sido produzidos em conjunto pelas Igrejas em 1999. Os comunicadores

145 SCHMIDT, Eric. Opção pela TV. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 1, ano 82, p. 8, jan. 1999.

julgaram que a iniciativa era “muito positiva”. De outro lado, foi questionado se não confundia mais mostrar que há duas Igrejas Luteranas diferentes no Brasil. Além disso, concluiu-se que ainda era preciso acertar a linguagem e que faltavam recursos para uma produção melhor.¹⁴⁶

Ao longo do ano de 2003, a IELB promoveu uma série de Concílios.¹⁴⁷ A temática destes encontros foi comunicação. Em uma mensagem para a Igreja, o então presidente da Igreja, Carlos W. Winterle, disse que “os nossos dias são privilegiados em termos de comunicação com toda a tecnologia que está à nossa disposição.” Em seguida, colocou os objetivos dos Concílios ao abordar o tema: a) avaliar como está a comunicação pessoal; b) refletir sobre o que pode ser feito para melhorar a comunicação; c) verificar como “usar os meios, recursos e técnicas de hoje em prol de uma melhor e maior divulgação do Evangelho...”¹⁴⁸

Também em 2003 a IELB promoveu o 1º Fórum de Comunicadores. O encontro aconteceu em São Leopoldo, RS. O evento marcou um novo início da Igreja no sentido de repensar as ações de comunicação e capacitar os comunicadores que atuam em diferentes áreas.¹⁴⁹ Foi resolvido que os Fóruns teriam uma periodicidade anual.

Um encontro de líderes da IELB e representantes da Igreja Luterana — Sínodo de Missouri, dos Estados Unidos, aconteceu entre os dias 12 e 15 de abril de 2004, no campus da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), em Canoas, RS. O objetivo do encontro foi de dialogar sobre o que os diversos segmentos

146 LUTERANOS se reúnem para o 2º Encontro de Comunicadores. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 12, ano 84, p. 14, dez. 2000.

147 Na IELB, os Concílios são encontros de pastores para reciclagem e aperfeiçoamento. Eventualmente podem ser convidadas pessoas leigas. Acontecem em várias regiões do Brasil a cada dois anos.

148 WINTERLE, Carlos W. Concílios 2003 — Comunicação. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 5, ano 86, p. 5, maio 2003.

149 FÓRUM reúne comunicadores da IELB. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 9, ano 86, p. 25, set. 2003. De certa forma, estes Fóruns viriam a preencher a lacuna deixada pelo fim dos Congressos de Comunicação.

da Igreja poderiam fazer melhor em conjunto do que separados para a obra missionária. Uma das principais conclusões do encontro foi que a comunicação deveria ser um ponto prioritário da agenda da Igreja e que havia necessidade de investimentos (inclusive financeiros) na área, a fim de levar o evangelho para mais pessoas.¹⁵⁰

Este encontro ajudou a acelerar a concretização de um anseio da Igreja, já manifestado em outros momentos: novamente investir em assessoria de comunicação. Um estagiário em Jornalismo foi contratado em agosto de 2004. Após a formatura do assessor, ele ficou na função até fevereiro de 2007, quando aceitou outra atividade na Igreja.

Em novembro de 2004 a IELB voltou a ter um programa regular de TV: Toque de Vida. Tratou-se de uma iniciativa da Universidade Luterana do Brasil. O programa ainda está no ar, na Ulbra TV.

Em 2005, a preocupação pelo tema ficou demonstrada através de uma decisão do Conselho Diretor da Igreja, realizado em novembro em Campo Grande, MS: “Que o Seminário Concórdia promova seminários na área de comunicação, visando à preparação dos candidatos ao ministério na produção de textos e de apresentações para jornal, rádio e televisão, com acompanhamento de profissionais da área de comunicação.”¹⁵¹

Pode-se dizer que o ápice desta nova tendência aconteceu durante a 59ª Convenção Nacional da IELB, realizada entre os dias 19 e 23 de abril de 2006, em Guarapari, ES. Antes do evento, o então presidente da IELB, Carlos W. Winterle enviou mensagem para a Igreja acerca da Convenção e do tema. Após comentar sobre o crescimento da comunicação (imprensa, rádio, televisão

150 JAGNOW, Dieter Joel. Líderes indicam prioridades da agenda da IELB. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 6, ano 87, p. 22-24, jun. 2004.

151 SCHMIDT, Gustavo. IELB reúne Conselho Diretor em Campo Grande. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 1/2, ano 90, p. 26, 27, jan./fev. 2006,

e internet) nos últimos tempos, afirmou que “muitas vezes ficamos parados no tempo, usando a comunicação apenas verbal, no púlpito ou, timidamente, através de literatura e dos outros meios citados.”¹⁵²

O tema geral da Convenção foi A comunicação a serviço do Evangelho — Aquecendo corações. A temática foi pautada em palestras sobre planejamento de comunicação para a congregação, Teologia e Comunicação¹⁵³, e elementos de teoria da comunicação em Martinho Lutero. O assunto também esteve presente em oficinas sobre comunicação escrita, comunicação a serviço da missão, comunicação visual no culto, comunicação pelas mídias contemporâneas, comunicação e responsabilidade social e comunicação pessoal e em grupos.¹⁵⁴

Mas em termos concretos, no que se refere à televisão, durante esta década praticamente nada aconteceu. Além do início do programa Toque de Vida, as únicas iniciativas ficaram com Cristo Para Todas as Nações. Em 6 de julho de 2003, entrou no ar na rede Bandeirante Vale do Paraíba, SP, o programa “Tudo para todos”. O programa abria uma janela de três minutos para o “Momento Espiritual”, que trazia mensagens preparadas por Cristo para Todas as Nações. O programa alcançava 36 cidades do Vale do Paraíba, litorais Sul e Norte de São Paulo, Serra da Mantiqueira e Campos do Jordão. O “Momento Espiritual” era apresentado pelo pastor Waldemar Garcia Jr.¹⁵⁵

152 WINTERLE, Carlos W. A comunicação a serviço do Evangelho — Aquecendo corações com o amor de Cristo. Mensageiro Luterano, n. 4, ano 89, p. 5, abr. 2006.

153 Nesta palestra, foi dito que as congregações da IELB deveriam investir recursos e esforços na divulgação e no uso dos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão. “A IELB precisa posicionar-se, ocupar espaço na mídia, mostrando-se para aqueles que buscam uma igreja cristã e nem mesmo sabem da existência da IELB”. SCHMIDT, Gustavo. IELB realiza Convenção Nacional e elege nova Diretoria. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 6, ano 89, p. 22-24, jun. 2006.

154 Idem.

155 LUTERANOS ampliam evangelismo em meios de comunicação. Disponível em: <<http://www.alc-noticias.org/articulo.asp?artCode=1319&lanCode=3>>. Acessado em: 7 fev 2007. O programete durou poucas edições.

Em 2006, CPTN anunciou o livro *A Verdade Sobre os Anjos* em televisão aberta, no programa *Pra Você* da rede Gazeta, nos dias 11 e 12 de maio, no programa “Mulheres”, da mesma emissora, no dia 14 de maio. Os anúncios foram do tipo “testemunhal”. Segundo nota de CPTN, a organização acreditava que essa era uma grande oportunidade de evangelismo, pois o assunto “anjos” estava sendo muito explorado e vinha despertando um interesse cada vez maior nas pessoas.¹⁵⁶

Em dezembro de 2006, CPTN veiculou cinco desenhos animados religiosos na Rede Canção Nova de Televisão.¹⁵⁷

Em 2007, o Departamento de Comunicação (hoje Área de Comunicação) continua existindo dentro da estrutura administrativa da IELB. A sua coordenação é da responsabilidade do Secretário da Igreja. O uso da televisão como veículo de evangelização não tem sido prioridade da Área. O foco está na comunicação impressa, seguida da comunicação via internet.

Além destas iniciativas ao longo das décadas, convém ressaltar ações isoladas de pastores no sentido de abrirem espaços na mídia local e regional como fontes. É o caso do pastor Vilson Regina, enquanto trabalhou em Uruguaiana, RS entre 1979 e 1983. Regina era regularmente entrevistado pela TV Uruguaiana (RBS) para opinar sobre temas com algum nível de apelo religioso, como Páscoa, Natal, atentado sofrido pelo papa, auto-flagelação praticada por uma determinada seita do nordeste brasileiro, o crescimento dos cultos sectários e a estagnação das igrejas históricas.¹⁵⁸

156 A VERDADE Sobre os Anjos na TV. Disponível em <<http://www.cptln.org/hora.luterana/lerdes-taque.asp?xid=1352004131740>>. Acessado em: 7 fev. 2007.

157 DESENHOS de CPTN na TV Canção Nova. Disponível em: <<http://www.cptln.org/hora.luterana/-lerdestaque.asp?xid=15122006111824>>. Acessado em: 7 fev. 2007.

158 REGINA, Vilson. Informações [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por editor@editoracon-cordia.com.br em 26 jan. 2007.

4. O USO DA TELEVISÃO PELA IELB — VISÃO HISTÓRICA DOS PROGRAMAS REGULARES

Durante cerca de uma década (1976 a 1986), a IELB conheceu a ascensão e o declínio no uso da televisão como veículo para comunicar o Evangelho. No seu auge, chegou a ter 93 minutos semanais de programação regular. Neste capítulo é feito um levantamento de todos os programas que existiram e de um iniciado em novembro de 2004 e que ainda está sendo veiculado.

4.1. A HORA

A Hora foi o único programa da IELB na TV durante cerca de quatro anos. Era veiculado semanalmente na TV Alto Uruguai de Erechim, RS.

O programa iniciou em 1976. Todavia, há divergências quanto ao mês. O seu primeiro produtor e apresentador, pastor Edgar Tilp, diz que a primeira veiculação aconteceu na primeira sexta-feira de março.¹⁵⁹ Já a revista Mensageiro Luterano informa que o primeiro programa foi ao ar em maio.¹⁶⁰

Após a saída de Tilp, em janeiro de 1983, a coordenação foi assumida pelo pastor Benjamin Jandt. Também escreviam e apresentavam mensagens os pastores Wilson Regina e Gerold Krick.

A duração do programa foi variável. Inicialmente, era de cinco minutos. Depois, passou para 10 minutos; mais tarde, voltou a ter cinco minutos. Também houve um período em que a duração era de oito minutos.

159 TILP, Edgar. Correspondência recebida do pastor Edgar Tilp em fevereiro de 2007. Ver anexo 1.

160 A HORA — Erechim, RS. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 8, ano 66, p. 11, ago. 1984.

Durante três anos, foi veiculado todas as sextas-feiras, às 18h50min, no intervalo entre duas novelas da TV Globo. Em meados de 1979, quando a RBS introduziu o Jornal Regional, A Hora passou para domingos, às 13h.¹⁶¹

O programa não surgiu a partir do interesse da Igreja, mas da própria emissora. Todavia, existem divergências quanto à maneira de como foi o processo. Uma fonte dá conta que certo dia houve encontro casual entre o pastor Gerold Krick e o diretor da emissora na residência de Edmundo Arndt, que era membro da Comunidade São João de Erechim. Após diálogo sobre o programa de rádio que a congregação mantinha, o diretor comentou que queria colocar um novo programa religioso na TV, pois o da Igreja Católica não estava agradando. O pastor Krick disse que, caso a emissora cedesse um horário gratuitamente, o programa seria feito. Alguns dias depois, o diretor entrou em contato com a família Arndt, que era vizinha, informando que doaria o espaço. A família então procurou Edgar Tilp, pastor da cidade, para que assumisse o programa. O pastor pediu alguns dias para pensar e, então, resolveu aceitar o desafio.¹⁶²

A outra fonte diz que em fevereiro de 1976, o pastor Tilp recebeu a visita do diretor da TV Alto Uruguai, Pozzo Raimundo. Ele disse ao pastor que queria colocar na programação um programa religioso, mas que não sabia ao certo como ele deveria ser. Comentou, também, que já havia feito uma oferta ao pastor Waldemar Lückemeier, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, mas que ele não se sentiu capacitado para produzir o programa. Segundo Pozzo, a emissora estava oferecendo um espaço gratuito e que ela colocava à disposição tudo o que fosse necessário para produzir o programa. O pastor Tilp, mes-

161 Uma outra fonte diz que “tivemos de mudar o nosso programa para os sábados, no horário do meio-dia, meio-dia e pouco...” TILP, op. cit.

162 KRICK, Gerold. A Hora na TV Erechim. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 6, ano 64, jun. 1981, segunda capa. O pastor Krick também informa que colaborou em 60 programas de A Hora.

mo apreensivo, pela falta de experiência, acabou aceitando o desafio.¹⁶³

Estas duas versões geraram um certo desconforto na época. Na edição de abril de 1981 do Mensageiro Luterano saiu uma matéria sobre os programas religiosos da IELB que existiam na época. O pastor Krick enviou carta à Redação do Mensageiro Luterano (publicada em junho daquele ano), questionando a veracidade de informações publicadas acerca do surgimento do programa, que haviam sido fornecidas por Tilp.¹⁶⁴ Segundo o pastor, o texto publicado não havia relatado com fidelidade a história, razão porque resolveu escrever e colocar a sua versão dos fatos.

A resposta de Tilp à carta de Krick, também publicada na seção de cartas, apareceu na edição de novembro da revista.¹⁶⁵ Tilp diz que ficou “surpreendido” com a carta de Krick e que “cada historiador vê e descreve a história do seu ponto de vista...” Tilp também diz que, se na reportagem ficou de fora algum nome, “não foi por má fé, mas pela exiguidade de espaço.”¹⁶⁶

Segundo desejo da emissora, o programa deveria ter um formato ainda não conhecido pelo telespectador. Além disso, não poderia refletir abertamente o caráter da denominação. Deveria ser um pequeno espaço de tempo semanal “que desse ao ouvinte, após uma semana de trabalho ou estudo, orientação, alento, estímulo e, acima de tudo, informação sobre aquele que

163 TILP, op. cit.

164 Inclusive, Krick cita problemas nas informações de em artigo publicado há mais tempo na revista. Embora não citado, depreende-se que seja a nota publicada na revista em maio de 1977, pois, pelo o que foi possível verificar, até a esta data somente havia sido publicada esta nota acerca do programa.

165 A resposta foi uma solicitação da redação da revista, como o próprio autor informa.

166 TILP, Edgar. “A Hora” Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n.11, ano 64, nov. 1981, segunda capa. Pelo o que é possível perceber na carta, Tilp mantém a sua versão da história. Ele diz que o gerente da emissora procurou a congregação e que talvez ele tivesse “comentado com outras pessoas a oferta deste programa ou espaço.” Outro dado importante é que a citação de Tilp como fonte tem como base informações prestadas por ele no início de 2007, para esta pesquisa.

é o Caminho, a Verdade e a Vida — Jesus Cristo, o Senhor e Salvador”.¹⁶⁷

Segundo o pastor Tilp, ele e o diretor realizaram pelo menos dez reuniões para discutir o formato, o nome, a duração, o dia e horário da veiculação, o material necessário, etc.¹⁶⁸ O nome do programa foi sugestão do diretor da emissora.

Nas duas semanas anteriores à primeira veiculação, a emissora colocou na programação cinco a oito chamadas diárias relacionadas com o programa que iria estreiar.

Na produção, como tinha poucos recursos disponíveis, o pastor Tilp valeu-se de adaptações feitas de mensagens publicadas nas revistas Mensageiro Luterano e Ultimato, além de emprestar eslaides e usar imagens recortadas de revistas. Sempre que necessário, a emissora liberava um câmara para fazer imagens externas. A produção do programa exigia cerca de um dia. Às vezes, ia ao ar gravado, e outras vezes ao vivo.

A produção procurava tematizar o programa de acordo com o ano eclesiástico e eventos sociais e políticos que oportunizavam mensagens cristãs (como aniversário do município, eleições e outros). As mensagens sempre eram cristocêntricas. “Se algum dia eu não puder mais falar de Cristo, isto é, se esta liberdade me for tolhida na TV, o programa não terá motivo ou razão de existir”, disse o pastor Tilp.¹⁶⁹

O programa tinha um formato ágil. Nas palavras do pastor Benjamim Jandt, era um “telejornal espiritual”, isto é, as mensagens eram curtas e mescladas com música e cliques de corais.¹⁷⁰

Este formato acabou determinando a mudança do progra-

167 .HEIMANN, Proclamando Cristo do alto dos telhados, op. cit., p 6, 7.

168 TILP, op. cit.

169 HEIMANN, Proclamando Cristo do alto dos telhados, op. cit., p 7.

170 JANDT, Benjamim. Respostas às perguntas - TV. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por editor@editoraconcordia.com.br em 11 dez. 2006.

ma da Igreja Católica. Até então, era rezada uma missa no estúdio. Após algum tempo, a emissora solicitou que o formato passasse a ser como era o A Hora. Segundo Tilp, no início o bispo da cidade “chiou bastante”, mas teve de ceder. O bispo foi procurar o pastor para ver como o programa era produzido. Os dois se tornaram bons amigos.¹⁷¹

Segundo o pastor Tilp, o programa A Hora foi muito bem aceito (“não havia quem não gostasse do programa”), tanto que depois de algum tempo a sua duração passou para dez minutos.

A boa audiência despertou o interesse de patrocinadores. De acordo com Tilp, foram recebidas muitas propostas de patrocínio, mas não havia necessidade. Os poucos custos que existiam eram cobertos pela Congregação São João.

Com o crescimento da audiência, o pastor Tilp tornou-se conhecido e benquisto na cidade. Passou a ser convidado para atos públicos, casamentos, eventos religiosos. Na rua, era reconhecido pelas crianças e chamado de o “a hora”.

A audiência também pode ser medida pelo expressivo número de pessoas que se tornaram membros na Congregação. Em certo momento, havia turmas de 30 pessoas que estavam na instrução de adultos.¹⁷²

Mais tarde, a emissora passou a cobrar pela veiculação e o programa passou a ser mantido pela congregação local, juntamente com as demais congregações do distrito. Boa parte dos custos era coberta por quatro patrocinadores da paróquia. Segundo o pastor Benjamim, “no valor da época, o patrocínio não era um problema crucial”.¹⁷³

171 TILP, op. cit. Ver também HEIMANN, Proclamando Cristo do alto dos telhados, op. cit., p 7.

172 Idem. A instrução de adultos é um curso oferecido para pessoas não luteranas que têm o interesse em conhecer as doutrinas da Igreja e, eventualmente, se tornarem membros.

173 JANDT, op. cit.

Embora o programa tivesse boa receptividade local e regional, havia uma certa resistência por parte da TV Globo. Ela “não gostava de produções locais, nem religiosas ou outras, como programas tradicionalistas ou coisa parecida.”¹⁷⁴

Ao que tudo indica, o programa durou até 1988. Ele foi sendo empurrado para horários cada vez menos nobres, chegando a ser veiculado às 5h da manhã. “Aí os patrocinadores e mesmo a paróquia se indignou e não queria mais manter o programa”, disse o pastor Benjamim.¹⁷⁵

4.2. A VOZ DA CRUZ

O programa A Voz da Cruz teve seu início em 13 de abril de 1980, na TV Cruz Alta de Cruz Alta, RS. O primeiro coordenador e apresentador foi o pastor Mario Lehenbauer, assessorado por uma equipe de pastores do Distrito Vale Ijuí da IELB. Após a saída do pastor Mario, a coordenação passou para o pastor Valdo Weber. Também foram apresentadores os pastores Paulo Nerbas, Waldemar Reimann, Rudi Heimann e Ari Thoma. Havia uma presença regular do coral de crianças da comunidade São de Santo Ângelo, RS, sob a liderança do professor Lírío Sonntag.¹⁷⁶

Segundo o pastor Mario, desde a implantação da TV Cruz Alta na cidade, ele e vários membros sonhavam em ter um programa na emissora. O sonho começou a se materializar quando um empresário, em contato com o gerente da emissora, comentou sobre o desejo.¹⁷⁷ O gerente solicitou que o empresário chamasse o pastor para fazer as tratativas sobre um programa. O

174 Idem.

175 Idem.

176 Existe uma informação de que o professor Lírío também participava da produção do programa. LEHENBAUER, Mário. A Palavra na TV Cruz Alta. Lar Cristão 1982. Concórdia: Porto Alegre, ano 33, 1982, p. 78.

177 O gerente da emissora era Pozzo Raimundo, o mesmo que havia trabalhado em Erechim e participado do processo de criação do programa A Hora. Há informação de que depois Pozzo foi transferido para a trabalhar em emissora de Uruguaiana, RS, onde também ofereceu espaço para a Igreja Luterana. TILP, op. cit.

programa deveria ir ao ar já no domingo seguinte – isto era uma quarta-feira.

O primeiro A Voz da Cruz teve como tema A verdade que liberta. Foi apresentado pelo pastor Mario ao vivo. Teve a duração de 20 minutos¹⁷⁸ Depois, passou a ter a duração média de 12 minutos. Inicialmente, era veiculado às 11h30min, logo após o programa Esporte Espetacular, da TV Globo.

O programa oferecia aos telespectadores um curso bíblico chamado Encontro com Deus. Bíblias (Novo Testamento) eram oferecidas a quem completasse o curso. O contato com os telespectadores era feito por um secretário, especialmente contratado para esta função. Em pouco mais de um ano (abril de 1980 a junho de 1981), haviam sido enviados mais de 1.500 cursos e mais de 800 Novos Testamentos.¹⁷⁹

O equipamento usado era o da própria emissora. Ela colocava todas as ilhas de produção e todos os profissionais da emissora do turno à disposição da produção do programa.

No início, o programa era mantido pela própria emissora, com a venda de espaço comercial. Mais tarde, os custos passaram a ser cobertos com ofertas das congregações dos distritos Vale do Rio Ijuí, Planalto e Missioneiro da IELB.

De acordo com o pastor Mario, a aceitação do programa foi “impressionante” e que “a caixa do correio não comportava a correspondência recebida”, razão porque foi necessária “a criação emergencial de condições de logística para atender a repercussão do programa”¹⁸⁰

Devido ao acúmulo de trabalho trazido pelo programa, foi chamado Valdo Weber para ser o segundo pastor. Segundo We-

178 LEHENBAUER, Mario. Pesquisa [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por editora@editora-concordia.com.br em 21 de novembro de 2006.

179 LEHENBAUER, Mário. A Palavra na TV Cruz Alta. p. 78.

180 LEHENBAUER, Mario. Pesquisa.

ber, quando chegou para assumir a função, o programa já tinha saído do ar.¹⁸¹ Ele reiniciou quando Mario saiu para outra Paróquia.

Nesta nova fase, o programa ia ao ar todos os domingos às 7h30min. Era produzido nas quintas-feiras, a partir das 19h. Procurava-se fazer as mensagens de acordo com o período eclesial e datas comemorativas nacionais. Até o dia da veiculação, a emissora fazia chamadas convidando as pessoas para assistir o programa e informando o tema da mensagem. Segundo Weber, quando o Grêmio foi campeão do mundo, a RBS transmitiu e, como era sábado, no intervalo do jogo apareceu uma chamada para o próximo programa. “O pastor esteve no Japão!”, foi o comentário de domingo.¹⁸²

Além de mensagens e clipes musicais, a Voz da Cruz tinha os quadros Perguntas e Respostas e Diálogo. No primeiro, abria-se espaço para responder a perguntas de natureza espiritual feitas pelos telespectadores. No segundo, eram apresentados pastores, com o objetivo de torná-los conhecidos em suas cidades. Além disso, uma vez por mês o programa tinha a presença de um pastor convidado do Distrito.

De acordo com Weber, segundo levantamento da emissora, a audiência era de cerca de um milhão de pessoas. O programa recebia a média de duzentas cartas por semana, pedindo o curso bíblico e solicitando informações sobre a IELB e comunidades luteranas da região.¹⁸³

Ao contrário do que havia acontecido na fase anterior, a extinção do programa, em meados de 1984, não aconteceu por causa de dificuldades financeiras. A razão foi um decreto da di-

181 WEBER, Valdo. Pesquisa. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por editora@editora-concordia.com.br em 24 nov. 2005. Segundo o pastor Lehenbauer, a extinção aconteceu por causa das dificuldades financeiras. A interrupção parece ter durando alguns meses, já que Weber relata que após a saída do pastor Mario o programa recomeçou. Valdo chegou à cidade em 1982 e Mario saiu em 1983. Ver WARTH, op. cit., p 164,168.

182 Idem.

183 Idem.

reção da RBS, que proibiu programas religiosos em toda a rede. Uma outra versão é lembrada por Weber: “o que se ouviu em Cruz Alta, foi de que o padre local havia pedido o fim do programa junto à diretoria da emissora. Não sei se isto é verdade ou não. Mas tem a sua lógica. Nós ‘incomodávamos’ os católicos.”¹⁸⁴

4.3. EXPECTATIVA (VITÓRIA)

Expectativa foi ao ar pela primeira vez em 7 de setembro de 1980, na TV Gazeta de Vitória, ES. A direção e produção geral eram do pastor Nilo Figur, assessorado por uma equipe.¹⁸⁵

Com duração de 10 minutos, o programa era veiculado dominicalmente. Segundo nota publicada na revista Mensageiro Luterano, dando conta do lançamento, o horário de veiculação era ao meio-dia, após o programa Esporte Espetacular.¹⁸⁶ Mas este horário nem sempre foi respeitado, por causa de corridas da Fórmula 1 que eram retransmitidas pela TV Gazeta.

A ideia de montar um programa surgiu a partir de uma proposta da TV Gazeta de que a Igreja Luterana colocasse no ar uma programação evangélica que fizesse uma espécie de contraponto a um programa católico, o Missa no Lar. Inicialmente, a liderança da Congregação Redentor de Vitória, filiada à IELB, não acatou a ideia. O projeto somente começou a tomar forma com a chegada do pastor Nilo Lutero Figur. Figur, juntamente com o professor Sérgio Scheweder e outros líderes luteranos, idealizaram o programa e mobilizaram congregações de Vitória e do interior do estado. A Congregação Redentor aprovou a sua implantação no dia 29 de junho de 1980.

184 Idem.

185 Após a saída do pastor Nilo Figur, no início de 1984, a coordenação foi assumida pelo pastor Jonas Flor.

186 EXPECTATIVA na Televisão. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n. 11, ano 63, nov. 1980. Nesta nota é informado que Expectativa era o terceiro programa de televisão a ser criado na IELB.

O logotipo e a vinheta foram criados por uma empresa de São Paulo sem custos. A “arte eletrônica” era considerada “um trabalho do mais alto nível artístico e técnico... que dão ao programa um nível classe ‘A’, que pode ser colocado ao lado de qualquer programa de TV no Brasil.”¹⁸⁷ O nome e o logotipo do programa foram registrados no Instituto Nacional de Propriedade Industrial, do Ministério da Indústria e Comércio.

A estrutura básica do programa era esta:

- Abertura (vinheta)
- Manchetes (normalmente três, chamando a atenção para o tema do dia)
- Texto bíblico (narrado e ilustrado com eslaides ou cenas de filmes)
- Mensagem (com duração três minutos)
- O Cristianismo no Mundo (análise da situação da Igreja Cristã em diferentes países)
- Divulgação (oferecimento de cursos bíblicos, endereços, etc.)
- Síntese (recado final, objetivo e pessoal)¹⁸⁸

Segundo o jornalista Orlando Eller, o programa não era feito para luteranos. Por esta razão, determinados temas espirituais, considerados de “difícil digestão”, eram evitados”.¹⁸⁹ Além disso, o programa procurava evitar a gratuidade, o apelo sensacionalista e o lugar comum de outros programas afins. Também se evitou, tanto quanto possível, a sua vinculação com a Igreja Luterana.

As mensagens eram curtas e objetivas, com cerca de três

187 HEIMANN, Proclamando Cristo do alto dos telhados, op. cit., p 10.

188 Idem.

189 .ELLER, Orlando. Expectativa — Vitória, ES. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 8, ano 66, p. 13, ago. 1984.

minutos. Normalmente havia um bloco musical com músicas do Grupo Kyrie ou do coral do Seminário Concórdia.

Pode-se dizer que o principal apresentador do programa era Figur. Todavia, via de regra havia um segundo apresentador. Procurava-se envolver pastores do interior do estado, que eram convidados a escrever mensagem a apresentar parte do programa.

Embora contasse com uma diretoria executiva da Grande Vitória, Expectativa era um projeto abrangente, envolvendo pastores e leigos de todo o Espírito Santo, representados através de um Conselho Administrativo.

Havia uma secretária contratada para atender as pessoas que ligavam solicitando materiais, além de outras atividades.

Boa parte dos custos de veiculação era coberta por firmas que veiculavam comerciais, antes e depois do programa. O restante era pago por congregações e por contribuições personalizadas mensais, através de carnês. Além do Espírito Santo, havia ofertantes em congregações da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro.¹⁹⁰

Para divulgar o programa e manter os patrocinadores informados, Expectativa publicava um informativo de periodicidade irregular, o Boletim Câmera E. O informativo também era enviado para todas as pessoas que entravam em contato com o programa.

Expectativa oferecia aos ouvintes o curso Encontro com Deus. Há informação de que nos dez primeiros meses de veiculação cerca de mil pessoas fizeram ou estavam fazendo o curso. Para cada ouvinte que entrava em contato havia um registro cadastral, em pastas para cada um dos pastores que atuavam na

190 FIGUR, Nilo. A Palavra na TV Gazeta de Vitória. IN: Lar Cristão 1982. Porto Alegre: Concórdia, ano 33, p. 80.

área de abrangência do sinal da TV Gazeta e que se encontravam mais próximos do endereço do remetente.¹⁹¹

O primeiro ano de existência de Expectativa foi motivo de reportagem de página inteira no Mensageiro Luterano. O texto traz importantes informações adicionais sobre a história do programa e a fase em que se encontrava. Até o momento da redação da matéria, haviam sido produzidos e veiculados 36 programas.

O texto diz que a divulgação inicial envolveu uma “grande movimentação de recursos e pessoas”. Foram elaborados e impressos dois mil cartazes para lojas, ônibus, etc. Também foram impressos 15 mil folhetos para distribuição massiva. Além disso, foram utilizados dez outdoors em Vitória durante um mês. Congregações e paróquias do Estado foram visitadas para a divulgação do programa e a captação de recursos para a sua manutenção. Houve ampla divulgação através de material enviado para todos os pastores da IELB, além de uso de espaço no Mensageiro Luterano. O lançamento também foi divulgado em eventos, congressos, reuniões de vários segmentos da Igreja.

A matéria também informa que o movimento financeiro do primeiro ano havia sido de dois milhões de cruzeiros. Parte do dinheiro foi usado para a aquisição de equipamentos e produtos: estruturação do escritório para atendimento das pessoas que entravam em contato; arquivos de imagens para ilustração (eslides, cartões, etc.; dez fitas profissionais BCN e dez fitas de videocassete). Além disso, o programa havia recebido doações em equipamentos e em dinheiro como resultado de campanhas de departamentos de mulheres e de jovens.

No primeiro ano, Expectativa havia recebido cartas de 80 municípios de quatro estados: Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia. Ao todo, foram feitos cadastros de cerca de 1.400 pessoas que haviam entrado em contato. Até setembro de

191 Idem.

1981, haviam sido enviados 1.100 cursos Encontro com Deus, dos quais 500 já haviam sido concluídos. Os nomes de 700 pessoas haviam sido enviados para a Hora Luterana, a fim de realizarem cursos desta organização, dos quais 460 estavam ativos. Também foram enviados 260 cursos infantis.

Após o início do programa, a Congregação Redentor chamou um segundo pastor, Elias Eidam. Isso possibilitou que o pastor Nilo pudesse investir mais tempo em produção e divulgação.

A matéria do Mensageiro Luterano também informa que estava sendo organizada uma estrutura regional para manter e expandir o programa. Havia o objetivo que cada paróquia da região indicasse uma pessoa leiga para que atuasse como elo de ligação.

O texto termina dizendo que os programas já produzidos estavam à disposição de outras iniciativas da Igreja, “a fim de levar o evangelho realmente a toda a criatura.” É afirmado que “a TV está à disposição da IELB” e que “as possibilidades são muitas.” Assim, “se estamos convictos de que ‘é tempo de falar’ do amor de Deus, então falemos ao Brasil pela televisão.”¹⁹²

Em 1º de setembro de 1985, os luteranos do Espírito Santo realizaram uma grande concentração para celebrar os cinco anos de existência de Expectativa. Estiveram reunidas cerca de 1.200 pessoas no ginásio esportivo do SESC, em Vitória. Além de uma celebração religiosa, houve uma série de apresentações culturais. O pregador do culto foi o pastor Nilo, idealizador do programa e então ocupando a função de Secretário Executivo do Departamento de Comunicação da IELB, em Porto Alegre.¹⁹³

Segundo Assmann, Vitória era o centro mais bem equipa-

192 UM ano de Expectativa. Op. cit., p. 27. O primeiro aniversário foi celebrado em um auditório de Vitória no dia 7 de setembro.

193 EXPECTATIVA: 5 anos de TV. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n. 11, ano 68, p. 30, nov. 1985.

do para a geração de programas¹⁹⁴. Não é sem razão, portanto, que Expectativa despertou a o interesse de pastores e líderes de outras regiões do Brasil e passou a ser retransmitido em duas outras cidades, além de servir de base para uma terceira.¹⁹⁵

4.4. EXPECTATIVA (CASCAVEL)

Por iniciativa do Distrito Cataratas da IELB, o programa Expectativa de Vitória começou a ser retransmitido em Cascavel, PR, em 8 de novembro de 1980, na TV Tarobá, retransmissora da TV Bandeirantes. Segundo Buss, esta primeira fase do programa aparentemente teve pouca duração, já que há registros de uma nova fase, iniciada em 1º de outubro de 1983.¹⁹⁶ Inicialmente, a veiculação era aos sábados, às 14h30min — um horário considerado “não muito feliz”.¹⁹⁷

O Distrito Cataratas almejava investir em um programa de televisão. Todavia, os altos custos não permitiam. Resolveu-se usar um programa pronto — e o escolhido foi o Expectativa de Vitória, tanto na primeira como na segunda fase. Assim, o programa vinha de Vitória e partes de interesse regional eram gravadas por pastores do Distrito. Ao que tudo indica, na primeira fase a apresentação local era feita somente pelo pastor Marcos Weçolowis, enquanto que na segunda participavam das gravações os pastores Nivaldo Schneider, José Eraldo Schulz e Nikolai

194 ASSMANN, Hugo. A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 123.

195 Também há informação de que o Distrito Mineiro da IELB estava pensando em retransmitir o Expectativa de Vitória na TV Globo de Belo Horizonte, MG. Não foi possível encontrar registro de que isto aconteceu. CONSELHOS Distritais. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n. 3, ano 64, mar. 1981, p. 32.

196 BUSS, op. cit., p. 251. A informação está correta. Foi possível localizar uma informação da redação do anuário Lar Cristão de 1982 de que “de momento o programa está fora do ar”. HEIMANN, Leopoldo (ed.) Lar Cristão 1982. Porto Alegre: Concórdia, ano 33, p. 85, 1982. Na primeira fase, a coordenação geral era do pastor Marcos Weçolowis.

197 HEIMANN, Proclamando Cristo do alto dos telhados, op. cit., p. 11. Na segunda fase, o programa ia ao ar às 12h de sábado, o que era considerado “um horário bom”. NEUMANN, Nikolai. Expectativa — Cascavel, PR. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 8, ano 66, p.15, ago. 1984.

Neumann.

A manutenção era feita por contribuições mensais voluntárias e por patrocinadores. Na segunda fase, houve uma mobilização regional no sentido de juntar os recursos necessários para a veiculação regular.

4.5. EXPECTATIVA (LONDRINA)

A implantação do programa Expectativa em Londrina (Distrito Paraná Norte da IELB) foi fomentada e apoiada pelo Distrito Cataratas, mantenedor do mesmo programa em Cascavel. Por isso, os programas eram os mesmos, com divulgação de ambos os endereços locais para contatos.¹⁹⁸

O assunto foi oficialmente discutido em reunião do Conselho Distrital realizada em 18 de março de 1984, em Mandaguari, PR. Foi nomeada uma comissão para iniciar as tratativas com duas emissoras de televisão. Os resultados dos trabalhos foram apresentados em reunião extraordinária do Conselho, realizada no dia 1 de abril, em Fênix, PR. Resolveu-se que o programa seria transmitido na TV Tropical de Londrina, PR. Foi feito um contrato de seis meses com a emissora. O primeiro programa foi ao ar em 5 de maio de 1984, às 9h.

Além de dois patrocinadores, membros da IELB, o programa era mantido com ofertas de membros das congregações do Distrito pelo sistema de carnês. A coordenação do projeto estava a cargo de uma Diretoria Executiva.

4.6. EXPECTATIVA (DOURADOS)

Motivados pelas experiências de outros distritos da IELB, os membros do Distrito Mato Grosso Sul da IELB entenderam

198 Existe informação de que o Distrito estava trabalhando no sentido de produzir o programa em Londrina. FACK, Martinho. Expectativa — Londrina, PR. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 8, ano 66, p. 18, ago. 1984.

que era preciso ousar e investir na divulgação da Igreja através da televisão. Surgiu então a versão Expectativa de Dourados, MS. A espinha dorsal do programa era do Expectativa de Vitória, no qual inspirou-se também para o nome.

Os programas tinham a duração de 10 minutos e iam ao ar todos os domingos às 10h50min pela TV Caiuás, retransmissora da Rede Bandeirante. O coordenador de produção era o pastor Wilson Regina. Ele escrevia as mensagens, mas eventualmente também tinha a colaboração dos pastores Valdir Feller, Rubem Rieger e Martim Krebs. Havia um revezamento na apresentação dos programas, geralmente com a presença de dois pastores.

Os recursos vinham de contribuições distritais, especialmente de membros da congregação de Naviraí, MS. O programa foi ar ininterruptamente durante um ano e quatro meses, entre os anos de 1985 e 1986.¹⁹⁹

4.7. FÉ E ESPERANÇA

Em 1982, foi lançado o programa Fé e Esperança em Porto Alegre, RS. Tratava-se de uma iniciativa do Distrito Porto-Alegrense da IELB, a partir da oferta de um espaço oferecido pela TV Gaúcha (hoje RBS TV). De acordo com Buss, o primeiro produtor e apresentador foi o pastor Paulo K. Jung. Mais tarde, Jung foi substituído, sucessivamente, pelos pastores Galdino Schneider e Gerhard Grasel.²⁰⁰

O programa ia ao ar sempre às sextas-feiras pela manhã, na abertura da emissora. Tinha três minutos, caracterizados por uma mensagem de cunho espiritual.

Como tinha um caráter institucional da TV Gaúcha, não havia custos de produção e veiculação para a IELB. Segundo Buss, o

199 REGINA, op. cit. Todas as informações sobre o programa Expectativa de Dourados foram fornecidas por e-mail pelo pastor Regina.

200 BUSS, op. cit., p.252.

programa “tinha um longo alcance, visto ser transmitido através das dez emissoras afiliadas à TV Gaúcha, localizadas em todo o estado do Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.”²⁰¹

4.8. ENCONTRO

De acordo com o pastor Martinho Sonntag, o programa Encontro surgiu a partir de uma reflexão do pastor e líderes da Congregação Concórdia de Florianópolis, SC, sobre a importância, necessidade e urgência de evangelizar de levar a mensagem da salvação a pessoas que não eram atingidas com o trabalho regular da Congregação. “Foi em meados de 1981 que explanei a possibilidade de se iniciar um programa de TV para cumprir com esta missão. Fizera antes disto consultas às emissoras locais sobre a aceitação de um programa, custos, etc. Diante da aprovação do projeto pela Congregação, decidimos levar a ideia ao Distrito Santa Catarina Leste.”²⁰² O Distrito encampou a ideia autorizou o pastor a fazer o contrato com uma emissora e assumir a gerência e produção do programa.

O programa Encontro chegou a ser, na IELB, o de maior duração: 30 minutos. A primeira edição aconteceu em 4 de junho de 1983, na TV Cultura. Tinha a duração de 15 minutos. Um ano depois, a TV Barriga Verde, hoje retransmissora da Bandeirantes, fez um convite para veicular o programa. O pastor Martinho explica: “Ofereceram 30 minutos semanais com o mesmo preço dos 15 minutos da Cultura. Não perdemos a oportunidade. Ao nos convidarem, alegaram a qualidade e a boa audiência do Encontro.”²⁰³ O programa ia ao ar nos sábados, em torno das 10 horas.

O programa era produzido e apresentado por uma equipe

201 Idem.

202 SONNTAG, Martinho. Pesquisa. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por editor@editora-concordia.com.br em 17 nov. 2006.

203 Idem.

nomeada pela congregação de Florianópolis, sob a coordenação de Sonntag. O orçamento era mantido pelas congregações do Distrito Santa Catarina Leste e por três firmas comerciais de luteranos.²⁰⁴

Encontro foi o que teve o conteúdo mais variado dentre os programas da IELB. Além da abertura (manchetes), tinha seis blocos distintos, cada um com vinheta própria:

— Encontro Infantil. Tinha uma história em linguagem infantil com aplicação à vida da criança. Era apresentado por uma jovem.

— Encontro Estudantil. Abordava questões relacionadas com a vida dos jovens estudantes. Era apresentado por dois jovens.

— Encontro Perguntas e Respostas. Apresentava respostas bíblicas para perguntas enviadas por telespectadores através de cartas e telefonemas. Era apresentado por uma jovem e um pastor.

— Encontro Pensamentos. Trazia pensamentos de autores diversos e textos bíblicos sobre o tema geral do dia. Era apresentado por uma jovem.

— Encontro Comunicação. Tinha notícias, informava sobre literatura cristã e oferecia cursos bíblicos, anunciava locais e horários de cultos no Distrito, programações especiais, endereço do programa. Era apresentado por diferentes jovens.

— Encontro Mensagem. Trazia uma mensagem sobre o tema do dia. Era apresentado por um pastor.²⁰⁵

Também participavam eventualmente pastores do Distrito e pastores visitantes, com mensagens e entrevistas. As externas eram feitas com autoridades e pessoas em geral.

204 BUSS, op. cit., p. 252.

205 EQUIPE ENCONTRO. Encontro — Florianópolis, SC. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 66, p. 16, ago. 1984.

Cada programa tinha um tema geral. Procurava-se “dialogar” com o telespectador da região. “Procuramos detectar os problemas que afligem o povo da região, suas angústias, dúvidas, necessidades. A satisfação das necessidades do povo faz com ele se interesse pela Palavra e com que venha a sintonizar novamente.”²⁰⁶ Esta interatividade também passava por concursos de redação sobre determinado tema e/ou tarefas relacionadas com a Bíblia, cujos vencedores eram premiados.’

O programa tinha um arquivo de mais de 100 vídeos com corais e cantos diversos (Coro do Seminário Concórdia, Grupo Kyrie, Coro de Florianópolis, Coro de Crianças Raios do Sol e solos de Eliana Sabka).²⁰⁷

Segundo o pastor Sonntag, a audiência era considerada boa e o programa tinha boa aceitação. Cartas e muitos telefonemas eram recebidos de diversas cidades do estado. “Lembro de um artigo, escrito por um colunista do Jornal de Santa Catarina, que analisava os programas de TV em Santa Catarina. Diz: ‘Finalmente apareceu um bom programa religioso na TV.’”²⁰⁸

Alegando motivos financeiros, o programa deixou de ir ao ar em meados de 1985.

4.9. TOQUE DE VIDA

O programa Toque de Vida é o único veiculado regularmente hoje na IELB. Ele surgiu junto com a Ulbra TV, da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), em novembro de 2004. Na época, reitor da Ulbra, Rubem Becker, orientou a equipe da TV a procurar a Pastoral Universitária da Universidade para que juntos comesçassem a produzir um programa que mostrasse a identidade confessional da emissora. O primeiro nome foi Vida e cami-

206 Idem.

207 SONNTAG, op. cit.

208 Idem.

nhos. É veiculado diariamente às 8h e reprisado à noite, às 24h.

O programa possui quatro partes distintas, distribuídas em 6 minutos: abertura, mensagem, clipe musical e encerramento. É produzido e apresentado pelo pastor Lucas Albrecht, que trabalha na Pastoral Universitária. São utilizados equipamentos do Centro de Produção Audiovisual da Ulbra (CPA) e da Ulbra TV. A edição e finalização é feita na emissora TV. A abertura e mensagem são gravados no campus de Canoas, RS, e o encerramento no estúdio em Porto Alegre. Os custos de produção e veiculação são absorvidos pela Ulbra.

A linguagem do programa não foi desenvolvida para quem já tem vínculos com alguma denominação religiosa, mas para tentar comunicar-se com quem ainda não tem, ou nem conhece o Evangelho.

Em fevereiro de 2007 foi feita uma avaliação criteriosa de toda a programação da Ulbra TV. Toque de Vida ficou em segundo lugar geral e em primeiro lugar na categoria “inter-programas”.²⁰⁹

209 Todas as informações sobre o programa foram fornecidas por: ALBRECHT, Lucas. Informações. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por editora@editoraconcordia.com.br em 29 mar. 2007.

CONCLUSÃO

Como visto no primeiro capítulo, Deus é comunicação. Foi assim na criação, na Aliança, na encarnação de Cristo para efetuar a obra redentora — também repleta de comunicação. Tendo como motivação única o seu amor, Deus procurou e procura entrar em contato, em comunhão, em comunicação com a sua criatura.

O anúncio do Evangelho é essencialmente uma função de comunicação. Depositários da comunicação de Deus, os cristãos levam adiante, para outros seres humanos, o grande momento da comunicação de Deus: a obra redentora de Jesus Cristo — ou seja, o Evangelho, a Boa Notícia.

Um dos veículos para esta atividade é a televisão. Por causa de suas potencialidades de comunicação massiva, ela é um tremendo desafio para as denominações religiosas cristãs, particularmente a IELB, cumprirem a sua tarefa de canal comunicador de Deus.

Como foi visto no Capítulo 2, várias denominações tem se dado conta da importância de investir na televisão, especialmente a partir da década de 1990. Elas vêm aumentando o tempo de veiculação, montando emissoras e formando redes de longo alcance.

A IELB fez história no uso da televisão como veículo para anunciar o Evangelho. Como foi visto nos Capítulos 3 e 4, a Igreja percebeu cedo o potencial da televisão como canal de evangelização. Apesar de somente conseguir usar o veículo a partir da segunda metade da década de 1970, quando o processo foi iniciado teve um grande crescimento em poucos anos, chegando a ocupar um espaço semanal significativo. Pelo que foi possível levantar nesta pesquisa, neste período nenhuma outra denomi-

nação religiosa cristã brasileira chegou a ter tantos programas neste formato.

Hoje, a Igreja parece estar na contramão da história. Desde a segunda metade da década de 1980, ela não tem mais investimento significativo na TV.

Não foi o objetivo desta monografia analisar as causas desta situação na história recente da IELB. É difícil apontar, com segurança, para as razões precisas que determinaram esta situação. É possível, entretanto, indicar para alguns indícios detectados durante a pesquisa, que ainda precisam ser comprovados: Dificuldade para obter os recursos necessários para a produção e, especialmente, veiculação; falta de pessoas qualificadas para todas as etapas; conflito com a direção das emissoras (ideologias, linhas, metas, etc.); desinteresse das emissoras em veicular programas religiosos por razões de audiência; horários de veiculação pouco nobres, na maioria dos casos; deficiência em estruturas de orientação, planejamento, apoio e execução por parte da IELB como um todo; falta de uma visão contextualizada da importância televisão como meio veículo de evangelização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

- VII CONGRESSO Nacional da LLLB. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 12, ano 68, p. 20,1, dez. 1985.
- A IELB no rádio e na TV. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 86, p. 8, ago. 1984.
- A VERDADE Sobre os Anjos na TV. Disponível em: <<http://www.cptn.org/-hora.luterana/lerdestaque.asp?xid=1352004131740>>. Acessado em: 7 fev. 2007.
- AMORIM, Celso Luiz Nunes. Um sistema brasileiro para a TV digital. Disponível em: <<http://www.sbmicro.org.br/index.php?option=content&task=view&id=80>>. Aces-sado em: 27 dez. 2006.
- AS PRINCIPAIS decisões. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n 2/3, ano 69, p. 45, jan./fev. 1986.
- ASSMANN, Hugo. A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1986.
- ASSOCIAÇÃO Vitória em Cristo. Disponível em: <http://www.vitoriaemcristo.org>. Acessado em: 5 jan. 2007.
- BLAUW, Johan. A natureza missionária da igreja. São Paulo: ASTE, 1966.
- BRASIL — Economia e comunicações. Disponível em: <http://www.portalbrasil.eti.br/brasil_economia.htm>. Acessado em: 27 dez. 2006.
- BROSE, Reinaldo. Comunicação cristã. São Paulo: Metodista, 1980.
- _____. Cristãos usando os meios de comunicação social — Telehomilética. São Paulo: Paulinas, 1980.
- BUCCI, Eugênio. TV e Religião - A guerra santa que, de santa, não tem nada. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/cdbrazil/itamaraty/web/port/comunica/tv/tvre-lig/index.htm>>. Acessado em: 3 jan. 2007
- BUSS, Paulo. Um grão de mostarda — A História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Concórdia, 2006, v. 2.
- CAPARELLI, Sérgio. Televisão e capitalismo no Brasil. Porto Alegre: LPM, 1982.
- CAPARELLI, Sérgio e SANTOS, Suzi. Crescer e multiplicai-vos: a explosão religiosa na televisão brasileira. Disponível em: <http://www.intexto.ufrgs.-br/n11/a-n11a1.html>. Acessado em: 19 jan 2007.
- CARTAS. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, p. 2, dez. 1990.
- CASTRO, Daniel. Dizimo da Universal leva Record à vice-liderança. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u61067.shtml>>. Acessado em: 14 jan. 2007.
- CID — A igreja na TV. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 2/3, ano 83, p.14, fev./mar. 2000.
- COHEN, Vivianne e CARDOSO, Rodrigo. Pastor eletrônico. Disponível em: http://www.terra.com.br/istoegente/193/reportagens/rrosoares_pastor_eletronico_01.htm. Acessado em 25 jun 2007.
- COOK, Guilherme. Profundidad en la evangelizacion. San José: INDEF, 1975.
- CUNHA, Magali do Nascimento. O conceito de Religiosidade Midiática como atualização do conceito de Igreja Eletrônica. Disponível em: <http://repositorio.com-portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18618/1/2002_NP1cunha.pdf>. Acessado em: 3 jan. 2007.
- DALKE, Décio. Culpada ou Inocente? Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 8, ano 71, p 21, ago. 1988.
- DECOS — SELAM. Para uma teologia da comunicação na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1984.
- DE OLHO na televisão. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, p. 27, jul. 1989.
- DESENHOS de CPTN na TV Canção Nova. Disponível em: <<http://www>>.

- cpthn.org/hora.luterana/lerdestaque.asp?xid=15122006111824>. Acesso em: 7 fev. 2007.
- DINAMISMO e progresso na Igreja. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n. 2/3, ano 59, p. 16, fev./mar. 1976
- CONSELHOS Distritais. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n. 3, ano 64, mar. 1981, p. 32.
- EGG, Carlos René. A dança das cores — Rex Humbard no Brasil. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 1, ano 64, jan./fev. 1981, p. 16,17.
- ELLER, Orlando. Expectativa — Vitória, ES. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 8, ano 66, p. 13, ago. 1984.
- EQUIPE ENCONTRO. Encontro — Florianópolis, SC. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 66, p. 16, ago. 1984.
- ESTATÍSTICAS de Rádio e TV. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/nrtv.asp>>. Acesso em: 27 dez. 2006.
- EVANGELHO e comunicação massiva. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 4, ano 68, p. 31,32, abr. 1985.
- EXPECTATIVA: 5 anos de TV. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n. 11, ano 68, p. 30, nov. 1985.
- EXPECTATIVA na Televisão. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n. 11, ano 63, nov. 1980.
- FACK, Martinho. Expectativa — Londrina, PR. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 8, ano 66, p. 18, ago. 1984.
- FEDERICO, Maria E. B. História da comunicação — rádio e TV no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.
- FERNANDES, Carlos. Fê em rede nacional. Igreja, São Paulo, n.3, maio/jun. 2006, p. 37.
- FIGUR, Nilo Lutero. A missão da IELB no rádio e na TV. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 86, p. 3, ago. 1984.
- _____. Comunicar é fundamental. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, p. 4, set 1991.
- _____. Registros. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, p. 4, fev./mar. 1988.
- FLOR, Elmer. Rádio e TV como meios de Evangelismo. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n.12, ano 67, p. 25-27, dez. 1984.
- FLOR, Jonas. 4 °Congresso Luterano de Comunicação. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n.12, ano 67, p. 22-25, dez. 1984.
- FÓRUM reúne comunicadores da IELB. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 9, ano 86, p. 25, set. 2003.
- GEDRAT, Johannes e WARTH, Rodolpho. Hora Luterana: Trazendo Cristo às nações. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 7, ano 57, p. 17, jul. 1974.
- GOMES, Pedro G. "... e Deus rompeu o silêncio!". São Paulo: Paulinas, 1980.
- GRASEL, Gerhard. A Igreja cresce escrevendo. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 8, ano 62, p. 4-8, set 1979.
- GRASEL, Gerhard e JUNG, Paulo Kerte. É tempo de falar. Mensageiro Luterano, n. 10, ano 64, p. 4-8, out 1981.
- GRASEL, Gerhard e PETER, Silvo R. A igreja busca novos púlpitos. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 7, ano 61, p. 5-12, jul. 1978.
- HEIMANN, Leopoldo. "Aceito minha eleição como um chamado especial de Deus". Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 5, ano 61, p. 7, maio 1978.
- _____. Apresentando. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 7, ano 61, p. 2, jul. 1978.
- _____. Cristo é o Senhor. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 12, ano 59, p. 5-9, dez.. 1976.
- _____. (ed.). Lar Cristão 1976. Porto Alegre: Concórdia, ano XXVII,1976.
- _____. (ed.). Lar Cristão 1992. Porto Alegre: Concórdia, ano 32, 1982.
- _____. O maior programa religioso do mundo! Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 9, ano 59, p. 13-15, set. 1976.
- _____. Proclamar dos telhados. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n.

- 12, ano 60, p. 3, dez. 1977.
- _____. Proclamando Cristo do alto dos telhados. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 4, ano 64, p. 6, abr. 1981.
- KRICK, Gerold. A Hora na TV Erechim. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 6, ano 64, segunda capa, jun. 1981.
- KUCHENBECKER, Horst. 46^ª Convenção Nacional da IELB. Mensageiro Luterano, n. 4, ano 61p. 9, abr. 1978.
- _____. O desafio dos leigos: missão pela TV. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 6, ano 66, p. 8-10, out. 1983.
- IGREJA na TV. Mensageiro Luterano, encarte Pela IELB, Porto Alegre, n. 2/3, ano 83, p. 4, fev./mar. 2000.
- JAGNOW, Dieter Joel. A aeróbica do Senhor. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 1, ano 82, p. 3, jan. 1999.
- _____. Líderes indicam prioridades da agenda da IELB. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 6, ano 87, p. 22-24, jun 2004.
- _____. O videota — o cristão diante da TV. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 86, p. 21, 33, ago. 1984.
- JANDT, Benjamim. Respostas às perguntas - TV. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por editor@editoraconcordia.com.br em 11 dez. 2006.
- JIMENEZ, Keila. Templos na TV. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp2512200293.htm>>. Acessado em: 3 fev. 2007.
- JUNG, Paulo Kerte. No Brasil — Esta é a Vida. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 10, ano 60, p. 18, out. 1977.
- _____. Hora Luterana. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 6, ano 66, p. 26, jun. 1983.
- _____. Representativa, dinâmica, eficiente. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, p. 28-31, maio 1988
- LACERDA, Lucelmo. Fogo na Televisão: Ofensiva eletrônica da Renovação Carismática Católica. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/058/58esp_lacerda.htm>. Acessado em: 2 jan. 2007.
- LEE, Philip (ed.). *Comunicação y fe — Desafios para um milenio globalizado*. Londres: WACC, 2001.
- LEHENBAUER, Mario. Pesquisa [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por editora@editoraconcordia.com.br em 21 de novembro de 2006.
- LIMEIRA, Michele Boff da Silva. Telejornalismo na Rede Vida: da comunicação institucional à abertura ao pluralismo e ao diálogo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.
- LÜDKE, Reinaldo Martim. Projeto Participação — o que é? Mensageiro Luterano, n. 3, ano 68, p. 6-9, mar. 1985.
- LUTERANOS ampliam evangelismo em meios de comunicação. Disponível em: <<http://www.alcnoticias.org/articulo.asp?artCode=1319&lanCode=3>>. Acessado em: 7 fev. 2007.
- LUTERANOS se reúnem para o 2^º Encontro de Comunicadores. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 12, ano 84, p. 14, dez. 2000.
- MACHADO, Márcia Benetti. A derrota do Diabo. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da201120002.htm>>. Acessado em: 29 jan. 2007.
- MUELLER, John Theodore. *Dogmática Cristã*. 4 ed. Traduzido por Martinho L. Hasse. Porto Alegre: Concórdia, 2004.
- NEUMANN, Nikolai. Expectativa — Cascavel, PR. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 8, ano 66, p.15, ago. 1984.
- PENTECOSTAIS e TV. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n.12, ano 52, nov. 1969, p. 14.
- PFLUCK, Ari. A TV em nosso tempo. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 10, ano 67, p. 33, out. 1984.
- PROPÓSITOS. Disponível em: <<http://www.macedonia.org.br/index.php?pag>

- propositos.php>. Acessado em: 25 jan. 2006.
- REGINA, Wilson. A maior manchete da história. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, abr 1988, p. 13, 14.
- _____. Informações [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por editor@editoraconcordia.com.br em 26 jan 2007.
- REHFELDT, Mário L. Um grão de mostarda — A História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Traduzido por Dieter Joel Jagnow. Porto Alegre: Concórdia, 2004. v. 1.
- ROCHA, P. mídia e religião: canal século 21 e rede família. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. Anais. São Paulo: Intercom, 2002. CD-ROM.
- RODRIGUES, Mônica. Inaugurada nova tevê evangélica. Disponível em: <<http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=55&materia=310>>. Acessado em: 15 fev. 2007.
- ROMAIS, Astomiro. Igreja e novos desafios de comunicação. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, p. 4, nov. 1990.
- _____. Palavra ao Leitor. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 86, p.1, ago. 1984.
- _____. Para a tele crente. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, p. 32, maio 1991.
- ROMEU, Dale (org). Igreja e comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1973.
- SANTA Missa. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/TVG/0,,TG25413914,00.-html>>. Acessado em: 30 jan. 2007.
- SANTANA, Luther King de Andrade. Religião e Mercado: A Mídia Empresarial-Religiosa. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, n. 1, 2005, p. 54-67.
- SCHMIDT, Eric. Opção pela TV. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 1, ano 82, p. 8, jan. 1999.
- SCHMIDT, Gustavo. IELB realiza Convenção Nacional e elege nova Diretoria. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 6, ano 89, p. 22-24, jun. 2006
- _____. IELB reúne Conselho Diretor em Campo Grande. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 1/2, ano 90, p. 26,27, jan./fev. 2006.
- SEIBERT, Erni W. A Hora Luterana continua levando Cristo para as nações. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 11, ano 63, p.11, 12, nov. 1980.
- _____. O Concílio Nacional de Obreiros. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 6, ano 66, p. 4, ago. 1983.
- SILVA, João Artur M. da. Luteranos unidos em comunicação. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 9, ano 76, p. 10,11, set. 1993.
- SOBIESIAK, Regina. Televisão e Telenovela. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, p. 2, jan. 1987.
- SONNTAG, Martinho. Pesquisa. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por editor@editoraconcordia.com.br em 17 nov. 2006.
- SPONHOLZ, Alcion. O presidente da LLLB fala sobre o Projeto Participação. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 3, ano 68, p. 10,11, mar. 1983.
- _____. Projeto Rádio e TV. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 66, p. 20, ago. 1984.
- TILP, Edgar. "A Hora". Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n.11, ano 64, nov. 1981, segunda capa.
- _____. Correspondência recebida do pastor Edgar Tilp em fevereiro de 2007.
- _____. Erechim tem programa religioso na TV. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 5, ano 60, p. 20, maio 1977.
- TVE começa de novo. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n. 9, ano 66, p. 32, set. 1983.
- UM ANO de Expectativa. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 1, ano 65, p. 37, jan. 1982.
- VAMOS à T.V. Mensageiro Luterano, Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 11, ano 52, p. 16, nov. 1969.

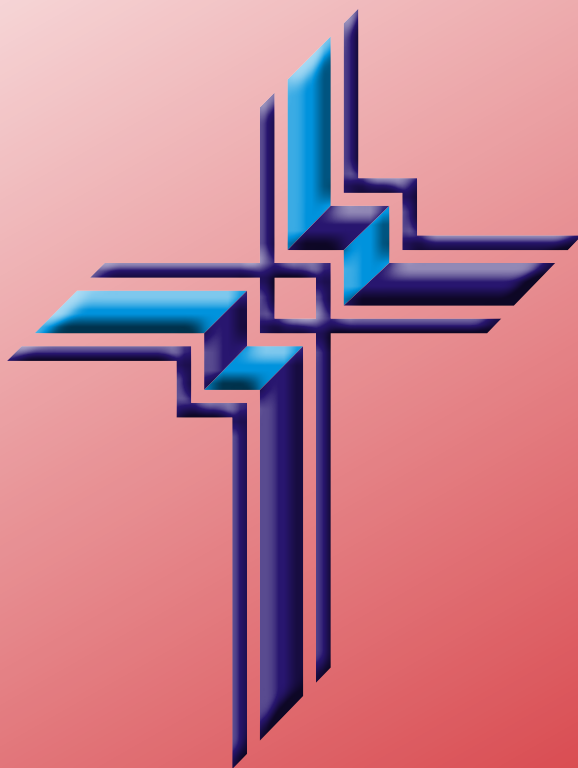
- WARTH, Rodolpho. Há trinta anos a Hora Luterana está transmitindo a Palavra de Deus ao povo brasileiro. Mensageiro Luterano. Porto Alegre, n. 4, ano 61, p. 27, abril 1978.
- WEBER, Carlos Henrique. A Igreja e os meios de comunicação. Mensageiro Luterano, n. 8, ano 86, p. 21, 33, ago. 1984.
- WEBER, Valdo. Pesquisa. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por editora@editoraconcordia.com.br em 24 nov. 2005.
- WINTERLE, Carlos W. Concílios 2003 — Comunicação. Mensageiro Luterano, Porto Alegre, n. 5, ano 86, p. 5, maio 2003.
- WINTERLE, Carlos W. A comunicação a serviço do Evangelho — Aquecendo corações com o amor de Cristo. Mensageiro Luterano, n. 4, ano 89, p. 5, abr. 2006.
- WORLD ASSOCIATION FOR CHRISTIAN COMMUNICATION. Iglesia y comunicación: ¿una relacion posible? Cumbayá, Equador: 1997.

2. BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

- ARTHUR, Chris. A globalização das comunicações — Algumas implicações religiosas. Walter Schlupp: tradutor. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- DELLACAVA, R.e MONTEIRO, P. E o verbo se faz imagem, Igreja Católica e os meios de comunicação no Brasil – 1962 a 1989. Petrópolis: Vozes, 1991.
- ESPOSITO, Rosario. Teologia dos meios de comunicação social. São Paulo, Paulinas: 1972.
- FERNANDES, Silvia Regina Alves. “Ver para crer” – as novas investidas do catolicismo no Brasil através do Padre Marcelo Rossi. Disponível em: <<http://www.cesnur.org/conferences/riega2000/fernandes.htm#Anchor-35882>>. Acessado em: 29 jan 2007.
- FORE, William F. Television and religion — The shaping of faith, values, and culture. Minneapolis: Augsburg, 1987.
- FREDERICKSON, Bruce. Maximizing media. Saint Louis: Concordia, 1994.
- MANUAL DE COMUNICAÇÃO — Como usar os meios de comunicação em grupos. Tradução de Rui J. Bender. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- PEREIRA, Carlos A. M. E MIRANDA, Ricardo. Televisão — as imagens e os sons: no ar, o Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- REDE Boas Novas. Disponível em: <<http://www.rbn.org.br>>. Acessado em: 5 jan. 2007.
- REDE Gospel. Disponível em: <<http://www.redegospel.tv.br>>. Acessado em: 5 jan. 2007.
- REDE Internacional de Televisão. Disponível em: <www.rittv.com.br>. Acessado em: 29 dez. 2006.
- REZENDE, Jonas. Um estudo teológico sobre comunicação. São Paulo, ASTE: 1973.
- SODRÉ, Muniz. O monopólio da fala – Função e linguagem da televisão no Brasil. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- TV Novo Tempo. Disponível em: <<http://tv.novotempo.org.br>>. Acessado em: 3 fev. 2007.
- WARTH, Carlos H. Crônicas da Igreja. Porto Alegre: Concórdia, 1979.
- WINTERLE, Carlos W.; KREBS, Martinho (orgs.). Histórias da história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Concórdia, 2006.

**O Exercício da
Religiosidade
Através da
Televisão:**

**O caso da
IGREJA
EVANGÉLICA
LUTERANA DO
BRASIL**



Diagramador:
pastorjarbas@gmail.com